

Reconhecimento e Solidariedade

Pág.5



Núcleos no País



Abiul

Travessa das Escolas, 1
3100-012 Abiul – Pombal
Tel: 919 770 934 / 918 946 691
abiul@ligacombatentes.org.pt

Abrantes

Rua do Arcediago, 16 – 2200-399 Abrantes
Tel: 241 372 885
nucleo.liga.combatentes.abrantes@gmail.com

Alcácer do Sal

Calçada 31 de Janeiro, 21
7580-098 Alcácer do Sal
Tel: 265 081 958 / 968 764 323
alcacer.sal@ligacombatentes.org.pt

Alcobaça

Rua Luis de Camões, 63, r/c - D
2460-014 Alcobaça
Tel: 262 597 616
liga.combatentes@netvisao.pt

Aljezur

Vale de Homens
Cx Postal 417L
Rogil - 8670-440 Aljezur

Almada

Praça Gil Vicente, 13, 4.º - F
2800-098 Almada – Tel: 212 751 988
almada@ligacombatentes.org.pt

Arouca

Rua Dr. António Casimiro Leão Pimentel
(perto do Tribunal) – 4540-132 Arouca
Tel: 256 944 637

Aveiras de Cima

Rua António Amaro dos Santos, 5
2050-075 Aveiras de Cima
Tel: 263 476 796

Aveiro

Rua Eng. Von Halfe, 61, 1.º - C
3800-177 Aveiro – Tel: 234 421 309
aveiro@ligacombatentes.org.pt

Azambuja

Rua Boavista Canada, 20
2050 Azambuja
Tel: 263 403 396

Barreiro

Largo Domingos Dias, 1 - Lavradio
2835-374 Barreiro
ligacombatentesbarreiro@gmail.com

Batalha

Rua Maria Júlia Sales Oliveira Zuquete
Moinho de Vento - Ap. 104
2440-901 Batalha
Tel: 244 765 738
ligacombatentesbtl@sapo.pt

Beja

Rua Infante D. Henrique
(Escola Primária n.º 4) 7800-318 Beja
Tel: 284 322 320 / 967 820 093
bejaligadoscombatentes@sapo.pt

Belmonte

Edifício Multiusos – Sala 1
Rua Pedro Álvares Cabral
6250-086 Belmonte – Tel: 935 717 647
combatentesnucleobelmonte@gmail.com

Braga

Bêco do Eirado, 13, 1.º
4710-237 Braga – Tel: 253 216 710
lcombatentes.braga@sapo.pt

Bragança

Edif. Principal – Largo General Sepúlveda
Apartado 76 – 5300-054 Bragança
Tel: 273 326 394 – ligabr@sapo.pt

Caldas da Rainha

Rua do Sacramento, nº7 - R/c Esq.
2500-182 Caldas da Rainha
TM: 913 534 248/262 843 142
caldas.rainha@ligacombatentes.org.pt

Campo Maior

Rua Fonte Nova, 2 - Estrada Nacional 371
7370-201 Campo Maior
Tel: 268 030 134
campo.maior@ligacombatentes.org.pt

Cantanhede

Largo Pedro Teixeira – Casa dos Bugalhos,
1.º Andar
3060-132 Cantanhede
Tel: 912 800 156 / 913 531 422
cantanhede@ligacombatentes.org.pt

Castelo Branco

Rua de Santa Maria, 104
6000-178 Castelo Branco
Tel: 272 323 757
castelo.branco@ligacombatentes.org.pt

Chaves

Terreiro de Cavalaria, 2
5400-193 Chaves
Tel: 276 402 761 / 910 270 478
chaves@ligacombatentes.org.pt

Coimbra

Rua da Sofia, 136 - 3000-389 Coimbra
Tel/Fax: 239 823 376
coimbra@ligacombatentes.org.pt

Covilhã

Rua Acesso à Estação, Lote 2 - r/c Loja 6
6200-494 Covilhã
Tel e Fax: 275 323 780 / 914 782 026
covilha@gmail.com

Elvas

Av. 14 de Janeiro - Portas da Esquina, 16 - R/c Esq.
7350-092 Elvas
Tel: 961 863 442
ligacomb.elvas@sapo.pt
ligacombatentes.elvas@gmail.com

Entroncamento/V. Nova da Barquinha

Rua Eng. Ferreira Mesquita, 1
2330-152 Entroncamento
Tel: 249 719 101
entroncamento@ligacombatentes.org.pt

Espinho

Apartado 7 – FACE (Fórum de Arte e Cultura de Espinho), Rua 41
Av.ª João de Deus – Sala 35 EC Anta
4501-908 Espinho - Tel: 227 324 799
ligacomb.espinho@sapo.pt

Estremoz

Portas de Sta. Catarina
Prédio Militar 22 – 7100-110 Estremoz
Tel/Fax: 268 322 390
nucleoetz@hotmail.com

Évora

Rua dos Penedos, 10 – 7000-531 Évora
Tel: 266 708 682
evora@ligacombatentes.org.pt

Faro

Rua Dr. José de Matos, 115 - B, r/c
8000-501 Faro
Tel/Fax: 289 873 067
nucleodefaro@gmail.com

Figueira da Foz

Rua Rancho das Cantarinhas, 44, r/c
Buarcos - 3080-250 Figueira da Foz
Tel: 233 428 379
figueira.foz@ligacombatentes.org.pt

Funchal

Casa do Combatente – Beco do Paiol, 32-A
São Pedro 9000-198 Funchal
Tel: 291 756 391
nfunchal-geral@sapo.pt

Graciosa

(Nova delegação de Angra do Heroísmo / Praia da Vitória)
Rua do Mercado Municipal
Santa Cruz de Graciosa 9880-373
Tel: 295 732 125

Gouveia

Rua da República, 43
6290-518 Gouveia – Tlm.: 910 133 472
ligacombatentesnucleogouveia@hotmail.com

Guarda

Praça Dr. Francisco Salgado Zenha
6300-694 Guarda – Tel: 271 211 891
nucleodaguarda@gmail.com

Ilha Terceira

Rua Nova, s/n.º - Conceição
9700-132 Angra do Heroísmo
Tel: 295 212 277

Lagoa/Portimão

Rua Alexandre Herculano, 20, r/c
Apartado 265 – 8400-370 Lagoa
Tel: 282 089 169
lagoa.portimao.sec@ligacombatentes.org.pt

Lagos

Rua Castelo dos Governadores, 60
8600-563 Lagos - Tel: 282 768 309
Fax: 282 086 733 nucleo.lagos@gmail.com

Lamego

Urbanização da Ortigosa, Lote 8, Cave Esqº
5100 Lamego
Tel: 254 613 565
lcnlamego@sapo.pt

Leiria

Av. 25 de Abril, Lote 12, r/c - Dto.
2400-265 Leiria - Tel/Fax: 244 001 600
leiria@ligacombatentes.org.pt
leiriiliga@gmail.com

Lisboa

Rua João Pereira da Rosa, 18, r/c
1249-032 Lisboa
Tel/Fax: 913 509 035 / 913 508 979
lisboa@ligacombatentes.org.pt

Lixa

Rua dos Bombeiros Voluntários, 63
4615-604 Lixa - Tel: 255 495 280
lixal@ligacombatentes.org.pt

Loulé

Av.ª José da Costa Mealha, 150
8100-501 Loulé
Tel/Fax: 289 413 726
nucleo.loule@gmail.com

Loures

Rua Vasco Santana, 8 - 5.º Esq.
Portela – 2685-245 Loures
loures@ligacombatentes.org.pt

Lourinhã

(Delegação do Núcleo de Torres Vedras)
Mercado Municipal da Lourinhã
Av.ª Dr. José Catanho Meneses, 30-B-1.º
OB, 1.º Sala M8 –2530-163 Lourinhã,
Tel: 261 438 207

Macedo de Cavaleiros

Prédio Alameda – Rua da Biblioteca,
8 - 1.º Dto - Escritório n.º 1 e 6
5340-201 Macedo de Cavaleiros
Tel: 278 421 374
nucleo.macedo@gmail.com

Macieira de Cambra

Rua do Souto, 190 - 3730-226 Macieira de Cambra
Tel: 256 284 566
macieira.cambra@ligacombatentes.org.pt

Mafra

Largo dos Combatentes
2640-445 Mafra
Tel: 261 092 480
mafra@ligacombatentes.org.pt

Maia

Rua do Paro, 244 – Cidadelha
Santa Maria de Avisos – 4475-658 Maia
Tel/Fax: 229 862 277
nucleoligadoscombatentes.maia@gmail.com

Manteigas

Rua Dr. Pereira de Matos
6260-111 Manteigas
Tel: 275 034 820 – Tlm: 915 750 902
ligacombatentesmanteigas@gmail.com

Marco de Canaveses

Arcadas do Jardim Municipal Adriano José de Carvalho e Melo - Rua Dr. João Leal
4630-289 Marco de Canaveses
Tel: 255 534 431
combatentesdomarco@gmail.com

Marinha Grande

Rua do Ponto da Boavista, 12
2430-051 Marinha Grande
Tel: 244 096 830
ligamg@sapo.pt; lcomgsecretaria@gmail.com

Matosinhos

Av.ª Rodrigues Vieira, 80 – Araújo (Antiga Escola Básica 1.º Ciclo do Araújo)
4465-738 Leça do Balio
Tel: 224 901 476 / 929 274 072
nucleomatosinhoscombatentes@gmail.com

Mêda

Av. Gago Coutinho e Sacadura Cabral
Imóvel Conde Ferreira, 1º - 6430-183 Meda
Tlm: 925 674 611
nucleomedacombatentes@gmail.com

Mirandela

Rua da República, 25, 1.º – 5370-347 Mirandela
Tel: 278 990 562
mirandela@ligacombatentes.org.pt

Monção

Rua Dr. Álvares Guerra, 48/52
(Apartado 92) - 4950-433 Monção
Tel: 251 652 521 / 915 750 875
ligamoncao@gmail.com

Montargil

Travessa dos Combatentes, 5
7425-141 Montargil – Tel: 242 904 060

Montemor-o-Novo

Rua 5 de Outubro, nº27 A
7050-355 - Montemor-o-Novo Tlm: 913 509 156
ligacombatentes.montemornovo@gmail.com

Montijo

Rua Pocinho das Nascentes, nº 255
2870-307 Montijo
Tel: 211 338 247
montijo@ligacombatentes.org.pt

Mora

Rua do Parque, 3 – 7490-244 Mora
Tel: 266 403 247 – Tlm: 938 529 226
mora@ligacombatentes.org.pt

Moura

Largo dos Quartéis, Edifício dos Quartéis, Lote 12
Caixa Postal 3012 – 7860-119 Moura

Oeiras/Cascais

Rua Cândido dos Reis, 216, 1.º
2780-212 Oeiras
Telemóvel: 929 059 248
oeiras@ligacombatentes.org.pt

Olhão

Av. Sporting Clube Olhanense, 6-A
8700-314 Olhão
Tel: 289 722 450
lcombantes.olhao@sapo.pt

Oliveira de Azeméis

Rua António Alegria, 223, 1.º
3720-234 Oliveira de Azeméis
Tel / Fax: 256 688 112
ligadoscombatentesoz@gmail.com

Oliveira do Bairro

Rua António de Oliveira Rocha,
Edifício da Estação da CP
3770-206 Oliveira do Bairro
Tel: 234 296 606
ligacombatentes.ob@gmail.com

Penafiel

Rua Engenheiro Matos, 20
(Antigo Matadouro Municipal)
4560-465 Penafiel
Tel: 255 723 281
penafiel@ligacombatentes.org.pt

Peniche

Espaço Associativo
Rua Marquês de Pombal,
22 – 2520-476 Peniche
Tel: 262 380 073
peniche@ligacombatentes.org.pt

Pico

Estrada Regional, 45
S. Miguel Arcaño
9940-312 São Roque do Pico
Tel: 919 241 476
pico@ligacombatentes.org.pt

Pinhal Novo

Urbanização Vale Flores (Monte Francisquinho)
2955-409 Pinhal Novo
Tel: 915 753 593
liga.pinhalnovo@gmail.com

Pinhel

Travessa Portão Norte, 2
6400-303 Pinhel
Tlm: 967 397 369
pinhel.ligacombatentes@sapo.pt

Ponta Delgada

Rua José Maria Raposo do Amaral, 22
9500-078 Ponta Delgada
Tels: 296 282 333
liga.combatentes.pdl@gmail.com

Ponte de Lima

Via de Sabadão, nº181
Arcozelo
4990-256 Ponte de Lima
967 039 844
gentelimiana@gmail.com

Portalegre

Rua 15 de Maio, 3
7300-206 Portalegre
Tel/Fax:245 202 723
Tlm: 913 834 300
portalegre@ligacombatentes.org.pt

Portimão

Delegação do Núcleo Lagoa
Rua Quinta do Bispo, Bloco A
8500-729 Portimão - Tel: 282 415 341
lagoa.portimao@ligacombatentes.org.pt

Porto

Rua da Alegria, 39
4000-041 Porto
Tel: 222 006 101
porto@ligacombatentes.org.pt

Póvoa de Varzim

Apartado 000121
Edifício Santa Clara
4494-909 Póvoa de Varzim
jcostavilaca@sapo.pt

Queluz

Rua Dr. Manuel Arriaga, 64 - A
2745-158 Queluz
Tel: 309 909 324
lcomb_queluz@netcabo.pt

Reguengos de Monsaraz

Rua das Áreas de Baixo, 1 - A
7200-285 Reguengos de Monsaraz
Tel: 266 501 478
Telem: 913 534 592
reguengos@ligacombatentes.org.pt

Ribeirão

Rua Dr. José Leite dos Santos, 2
Santa Ana – 4760-726 Ribeirão
Tel: 252 412 147
ribeirao.lcombatentes@sapo.pt

Rio Maior

Rua D. Afonso Henriques, 79 A
2040-273 Rio Maior
Tel/Fax: 243 908 107
rio.maior@ligacombatentes.org.pt

Sabugal

Rua Dr. João Lopes, n.º 7
6320-420 Sabugal
Tel: 914 768 431
Tlm: 914 768 450
combatentes.sabugal@gmail.com

Santa Margarida

Rua dos Combatentes, 10 - Aldeia
2250-366 Santa Margarida da Coutada
santa.margarida@ligacombatentes.org.pt

Santarém

Rua Miguel Bombarda, 12
2000-080 Santarém
Tel: 243 324 050
liga.santarem@sapo.pt

São Teotónio

Rua do Comércio, 4
7630-620 São Teotónio
Tlm: 914 272 306
sao.teotonio@ligacombatentes.org.pt

Seixal

Estádio da Medeira,
Praceta Estevão Amarante
Amora
2845-430 Seixal
Tel: 914 934 991
seixal@ligacombatentes.org.pt

Sesimbra

Travessa Cândido dos Reis, 9, 1.º
2970-789 Sesimbra
Tel: 210 867 160
sesimbra@ligacombatentes.org.pt

Setúbal

Rua dos Almocreves, 62, r/c
2900-213 Setúbal
Tel: 265 525 765
Tlm: 913 531 745
nucleoetballc@gmail.com

Sintra

Rua Dr. António José Soares, 2
Portela
2710-423 Sintra
Tel: 219 243 288
Tlm: 925 663 075
nsintralc@sapo.pt

Tarouca

Edifício Ponte Pedrinha, Bloco 3, R/C Esqº
3610-134 Tarouca
Tlm: 939 353 837

Tavira

Rua TCor Melo Antunes, 2, r/c - Dto.
8800-687 Tavira
Tel: 281 401 261
Telm: 914 719 477
liga.combatentes.tavira@gmail.com

Tomar

Praceta Dr. Raul Lopes, 1, r/c
2300-446 Tomar
Tel/Fax: 249 313 411
lcnrtomar@sapo.pt
tomar@ligacombatentes.org.pt

Torres Novas

Rua Miguel de Amide
Prédio Alvorão, 69-A, r/c - C
2350-522 Torres Novas
Tel: 249 822 038
torres.novas@ligacombatentes.org.pt

Torres Vedras

Rua Cândido dos Reis, 1-A - 1º (Ed. Ex-SMAS)
Apartado 81
2560-312 Torres Vedras
Tel: 261 314 175
torres.vedras@ligacombatentes.org.pt

Valença

Rua José Rodrigues
4930 Valença

Valpaços

Terreiro de Cavalaria, 2
5400-193 Chaves
Tel: 276 351 399

Vendas Novas

Rua General Humberto Delgado, 47-C
7080-167 Vendas Novas - Tel: 265 087 654
nrnvc47c@gmail.com
vendas.novas@ligacombatentes.org.pt

Viana do Castelo

Rua de S. Pedro, 39, 1.º
4900-538 Viana do Castelo
Tel: 258 827 705
viana.castelo@ligacombatentes.org.pt



6

Saudades de Mueda

14

Niassa



18

Ribeirão a História em azulejo



20

Lamego mais um aniversário



36

Estórias da História O "Ataque"



Conta Solidária Donativos - NIB 0035 0396 0022 0208 9305 8

Do antecedente.....	55.795,91 €
Anónimo em 10-07-2018	20,00 €
Anónimo em 18-07-2018	1.000,00 €
Donativos na Capela do FBS (Abr18 a Jun18).....	844,27 €
Grupo Recreativo, Desportivo e Cultural do MDN	9.936,62 €
Manuel Bastos	20,00 €
Manuel Mário de Araújo Pequito	400,00 €
Maria Graça Morais C.....	50,00 €
Maria Rita Martins Garcia da Fonseca.....	400,00 €
Núcleo de Winnipeg.....	1.000,00 €
Saldo em 31-07-2018	69.486,30 €

NOTA: Devido à extensão dos donativos, a listagem completa encontra-se na página da internet da Liga dos Combatentes em www.ligacombatentes.org.pt

Combatente

Edição n.º 385 - Trimestral
setembro 2018

Proprietário:

Liga dos Combatentes
Rua João Pereira da Rosa, 18
1249-032 Lisboa
Tel.: 213 468 245
geral@ligacombatentes.org.pt
NIPC/NIF 500816905

Redação:

Rua João Pereira da Rosa, 18
1249-032 Lisboa

Diretor:

Joaquim Chito Rodrigues

Conselho Editorial:

Direção Central

Diretor Executivo:

Hélder Freire

Editor:

Jorge Henrique Martins (CP 7283A)

Copywriter:

António Porteira

Publicidade:

Elisabete Caboz
Tel.: 21 386 90 41 - 91 774 86 89

Secretariado:

Anabela Rodrigues
anabelarodrigues@ligacombatentes.org.pt

Execução gráfica:

Departamento de Informática LC

Impressão:

Lisgráfica, S.A.
Rua Consiglieri Pedroso, 90
Casal de Santa Leopoldina
2730-053 Barcarena
Tel: 214 345 444

Expedição:

Translista, Lda.
Rua Miguel Bombarda, 9
Queluz de Baixo 2745-124
Barcarena - Tel: 214 266 886
translista@ip.pt

Tiragem:

50.000 exemplares

Depósito Legal:

210799/04
ISSN – 223 582
ICS – 101 525

Estatuto Editorial:

www.ligacombatentes.org.pt/revista_combatente/estatuto_editorial

Lei do Reconhecimento e da Solidariedade



Joaquim Chito Rodrigues
General
Presidente da Direção Central

Como venho referindo nas minhas informações escritas e intervenções públicas, os Antigos Combatentes que serviram o País na Guerra do Ultramar e nas Operações de Paz e Humanitárias têm o direito ao Reconhecimento e à Solidariedade Social por parte dos poderes representativos do Estado. O Reconhecimento, nos últimos anos visível no discurso de Altas Entidades em atos públicos, é importante que seja vertido na lei.

A democracia deve, aos que de armas na mão serviram os então considerados interesses superiores do País, o mesmo reconhecimento que foi devido aos que “resistiram” e se viram compensados por Lei (Lei 20/87).

A Solidariedade do Estado tem sido mitigada e por vezes deturpada com soluções que envergonham quem é alvo dessa tentativa de solidariedade.

O Estado tem olhado a grandes deficiências, após muita luta, e sente-se tranquilo com a publicação da mitigadora lei 3/2009 para os restantes.

A Liga dos Combatentes (LC) procura colmatar, com apoio limitado do Estado, as falhas deste no Apoio Social e Apoio à Saúde dos Combatentes e famílias, nomeadamente dos portadores de “doença física” e “mental” graves, bem como de “deficiência social” entre eles os “sem-abrigo”. A LC tem o seu “Estatuto” publicado em diário da República. A LC tem o seu “Cartão de Combatente” reconhecido pela sociedade civil, através de inúmeros protocolos e vantagens. A LC há décadas que com as

mais Altas Entidades do Estado evoca o “Dia Nacional do Combatente”.

São objetivos atingidos pela sua História, Dimensão e Serviços prestados ao País. A nossa luta não passa portanto por aí, mas por objetivos concretos que o Estado deve estabelecer em Lei própria que reconheça direitos e deveres dos Combatentes da Guerra do Ultramar e das Operações de Paz e Humanitárias. Essa Lei que quanto a nós deveria designar-se de “Lei do RECONHECIMENTO E DA SOLIDARIEDADE” para com os Antigos Combatentes, poderia estabelecer novos e rever antigos deveres e direitos, já do anterior estabelecidos em Leis.

Para essa Lei a Liga dos Combatentes está disponível para contribuir. Entregou à AR e ao Governo e definiu no seu Plano de Ação 2018-2021, um conjunto de objetivos só possíveis de atingir com o apoio desses órgãos de Soberania, Governo e Assembleia da República.

Enumeram-se alguns deles que consideramos fundamentais e constam do referido Plano de Ação, tendo como finalidade o Aprofundamento do Apoio Social e do Aprofundamento do Apoio à Saúde:

- Revisão urgente da Lei 3/2009;
- Revisão urgente da Pensão de Pobreza de antigos Combatentes garantindo pelo menos o vencimento mínimo;
- Contagem de tempo para cálculo de pensão de “Combatentes” que por determinado período não descontaram para a SS ou CGA tal como foi considerado para os “resistentes”;

- Maior apoio dos Programas Estruturantes, Liga Solidária e Cuidados de Saúde;
- Apoio para uma infraestrutura de cuidados continuados, comprometendo-se a LC a disponibilizar um terreno;
- Reconhecimento público do Cartão do Combatente da Liga dos Combatentes, tal como acontece já com a Sociedade Civil, garantindo através dele:
- Não pagamento de taxas moderadoras;
- Apoio médico e medicamentos para doenças crónicas e raras;
- Entrada gratuita em Museus;
- 75% de desconto nos transportes;
- Resolução do problema relativo à abolição da estampilha considerado inconstitucional pelo Tribunal Constitucional.

A publicação da “Lei do Reconhecimento e da Solidariedade”, objetivamente Lei dos direitos e deveres dos Antigos Combatentes, deverá proporcionar uma verdadeira reconciliação dos Antigos Combatentes com o Estado o qual, por mais benevolente que sejamos, temos que reconhecer pouco fez para com aqueles a quem, em determinado período da sua existência, lhes foi retirado um dos direitos fundamentais do cidadão, o “direito à vida” e a muitos para sempre, bem como o “direito à liberdade”, direito fundamental que viram condicionado enquanto Soldados de Portugal.

Estas as diferenças que separam um militar Combatente de um cidadão normal. Essa a razão para que mereçam em Lei o Reconhecimento e Solidariedade do Estado. Apelamos para que tal aconteça. 🇵🇹



Manuel Bastos

São frias as noites em Mueda. São curtas e frias. São húmidas. E tristes.

A manhã chega depressa e traz a guerra. Logo sentiremos os tiros que já não nos assustam, antes nos lembram que estamos vivos. Mas estar vivo num lugar onde o objetivo é matar, não augura nada de bom. Todos os dias se sofre em Mueda. Todos os dias se sofre e faz sofrer. Morre-se. E mata-se.

Há uma monotonia trágica em Mueda, como se Deus se tivesse esquecido da máquina da guerra a trabalhar enquanto se entretinha com outra coisa. Deus esqueceu-se de Mueda e deixou os homens enlouquecer à vontade; e aqui, a loucura parece ser a maior virtude dos homens.

Todos os dias há alguém que pensa em Deus. Todos os dias há alguém que para desconcertado com a maldade humana e com o alheamento divino, e que depois tem que seguir em frente, invariavelmente na direção em que vai encontrar mais sofrimento e morte, e maior ausência de Deus.

De Mueda sai-se seguindo sempre em frente, só se volta para trás quando se fizer suficiente mal a alguém. Dezenas de soldados, uns atrás dos outros, ordenados, coordenados, alinhados; de helicóptero, de Berliet, ou a pé; sempre sem que Deus pareça interferir na sua determinação de ir em busca da morte.

Tão diferentes, os soldados que saem de Mueda, dos que regressam. Algo no meio da mata misteriosa modifica os soldados, algo lhes tira brilho e cor, lhes assombra o olhar, lhes suja o rosto. Algo os envelhece.

Ver um camarada cair habitua-nos à ideia de que somos perecíveis e a ideia da morte torna-se-nos familiar, não como algo que nos espera adiante, mas



Saudades de Mueda

como algo que nos acompanha a cada passo que damos. E a cada passo envelhecemos com a ideia da morte.

A coragem às vezes é a única solução. Podemos nunca saber o que é a coragem até não nos restar mais nada para garantir a sobrevivência.

Há quem esteja morto em vida por nunca ter chegado à beira do abismo e nunca ter conhecido o fim do caminho; nunca ter conhecido o rosto de quem caminhou todo o dia à nossa procura para nos matar, porque, na aritmética da guerra um de nós tem que ser subtraído à existência. E estamos nós à sua espera de arma na mão coloca as coisas em termos simples, em termos fáceis de perceber: somos peças de um jogo.

Mas não podemos fugir de Mueda, porque de Mueda não se vai para lado nenhum, senão em direção à guerra; o mundo acaba aqui. Mueda é uma ilha rodeada de morte por todos os lados.

Há um cheiro de morte em cada cheiro que se nos cola ao corpo. O bedum do óleo e da pólvora queimada da G3, o bafo do escape das Berliets, a catanga da floresta, o nosso ininterrupto odor corporal.

Às vezes tornamo-nos um pouco mais humanos, quando recordamos as coisas que constituíram a vida antes de Mueda. Eu tenho saudade de acordar e sentir logo vontade de correr. Saudade da frescura do café pela manhã, da borra acabada de cozer, da fragância da relva orvalhada nas manhãs de Inverno. Fazem-me falta os cheiros dos campos, desde a essência doce do pólen até ao fedor bom do estrume.

Agora acordo com a exsudação húmida do cacimbo e adormeço com o hálito metálico da trovoada.

Quando isto acabar e outra geração se suceder à nossa, vai parecer impossível que nos tenhamos sujeitado à escravidão e que não tenha havido forma

de lhe escapar. Vai parecer irrisório que apenas a ignorância tenha sido suficiente para nos impedir de refratar, como faz a luz ao encontrar um meio que lhe dificulta o caminho. E a ignorância é o meio mais eficaz para dificultar a propagação de toda a luz.

Mas não se julgue que a guerra consegue apagar toda a luz de um homem; às vezes é preciso até um pouco de escuridão para descobrirmos se brilha ou não algo dentro de nós.

É de sonho e pesadelo o destino de um soldado, como eu agora aqui, perdido em pensamentos, enquanto voou em direção ao inferno. É de coragem e de medo esta vida cumprida a ferro e fogo.

Com o braço, apertado a máquina fotográfica contra as costelas e seguro a G3 entre as pernas, porque o helicóptero adornou um pouco para a direita. Afasto mais os pés para aumentar a base de apoio e percebo que estamos perto do objetivo. Sinto uma serenidade muito grande, todo o meu ser se prepara para a violência que se vai seguir, não tenho tempo agora para sentir medo, algo em

“Mas não se julgue que a guerra consegue apagar toda a luz de um homem”

mim se suspende, nada me pode distrair a partir de agora.

Da fundura do tempo venho à superfície como uma rolha de cortiça que não aguenta muito tempo imersa.

Sei que o helicóptero pairou a três metros do solo, sei que saltámos e que seguimos pela mata dentro como se algo de lá nos atraísse a todos. Sei que se seguiram momentos de perigo e sei que não morri lá, o resto parece apenas um pesadelo difuso que o tempo foi esbatendo a pouco e pouco. Sei também que alguns de nós não regressaram e que a maioria dos que regressaram trouxeram a guerra gravada a fogo na

memória, como uma tatuagem na alma, ou sei lá onde, entre a pele e essa luz que encontrámos a brilhar dentro de nós nos momentos de maior negrume no inferno tenebroso da guerra.

Sei que havia um cemitério em Mueda, onde se dissolviam na terra alaranjada de Moçambique os corpos dos que deram tudo a troco de nada, e que nenhuma luz de humanidade devolveu à terra mãe de onde partiram, porque a pátria madrastra que nos obrigou a combater se envergonhava dos mortos sacrificados em seu nome.

Agora dissolvem-se na terra onde foram esquecidos e talvez lá devam ficar para sempre, porque os seus corpos já se confundem com a terra que os acolheu, e ninguém merece que o seu regresso venha a apagar a ignomínia de os lá terem deixado. Que a vergonha dure para sempre.

Estive lá. A guerra não se fez sem mim. Acreditei em oitocentos anos de História, mas a realidade incumbiu-se de me mostrar em poucos meses que quase tudo o que me ensinaram era mentira, não sem antes aprender que não é difícil matar um homem, difícil é viver depois disso; difícil é passar o resto da vida a tentar fazer com que os nossos mortos façam sentido.

Mas o que é estranho, é o nascimento da saudade desses tempos, como se a superação da tragédia fosse glória bastante. É esta a fútil glória do sobrevivente.

Durante imenso tempo, vivi uma vida que não era a minha, uma vida postiça, e fui uma personagem de uma história mal engendrada. Como diabo posso eu ter saudades disso? Poderemos nós ter saudades dos pesadelos de um tempo em que a única coisa boa era sermos jovens?

É de mim que tenho saudades, e olhando para trás confundo a história com a personagem e confundo a personagem com o cenário, ou, de certo, é a humana capacidade de perdoar que procura algo de bom para redimir o passado.

Mueda revisitada e perdoada, nós, os que sobrevivemos, precisamos de perdoar para continuar a viver.

Que os mortos nos perdoem também. ■

“PARTIR MANTENHAS” NA GUINÉ



Isaias Teles

Combatentes, quando se juntam, falam certamente dos tempos passados em África e das suas experiências nos tempos da guerra. Foi numa dessas conversas com o Carlos Clemente, há mais de um ano, que surgiu a ideia de irmos à Guiné ver os locais onde estivemos e contactar, se possível, com as pessoas que lá viviam, cumprindo assim um desejo antigo de ambos. Da minha parte havia estado no Mejo, Aldeia Formosa (Quebo) e Buba, no ano de 1967, como alferes da CCaç1591, onde tantas peripécias vivi e que tanto influenciaram o decurso da minha vida.

O Clemente cumpriu toda a sua comissão no Saltinho como capitão, Comandante da Companhia de Caçadores 2701. Os dois anos que lá passou foram de tal forma entusiasmantes e inolvidáveis, que teria que lá voltar numa situação de paz, depois dos perigos e dificuldades vividos. Os laços de amizade criados então com as populações locais foram muito fortes e perduraram durante dezenas de anos. Foram exemplos dessa ligação os casos de Suleymane e do seu sobrinho Sado Baldé. Em diversas alturas pediram ajuda ao Capitão Clemente, quando tinham assuntos a tratar em Lisboa, especialmente os relacionados com as suas saúde e situação militar. Numa dessas vindas a Lisboa do Suleymane, o Clemente convidou-me para um almoço, que envolveu vários militares que estiveram no Saltinho. No decurso do mesmo surgiu o convite para voltarmos à Guiné.

Foi assim que tive oportunidade de conhecer o atual Régulo do Saltinho, Suleymane Baldé, filho do Régulo Sambel, muito considerado e admirado por todos os militares que o conheceram, dadas as suas qualidades humanas e de grande amor a Portugal, demonstrado de várias formas e nas mais diversas circunstâncias.



O aldeamento de Contabane foi alvo de um fortíssimo ataque por parte dos “terroristas”, no final dos anos 60, tendo ficado quase destruído, o que obrigou a população a mudar-se para o Saltinho, onde passou a ser a sede do regulado. Foi aqui que o Clemente conheceu Sambel, quando em abril de 1970, a Companhia de Caçadores 2701, assumiu a responsabilidade de ação na área do Saltinho.

O seu filho Suleymane Baldé, soldado do Exército Português, era então 1º Cabo do Pelotão de Caçadores Nativo nº 53, de reforço à Companhia de Caçadores. Foi nestas circunstâncias que se registou o conhecimento do capitão e do 1º cabo e se iniciou a grande amizade entre ambos e que perdura há quase 50 anos.

Tive o grato prazer de conhecer o Régulo Sambel em Contabane, no ano de 1967. A Companhia de Caçadores 1591, sediada em Aldeia Formosa (Quebo), possuía então um Destacamento de Secção, naquele aldeamento. Foi num patrulhamento àquela área que conheci o Régulo e a sua mulher Fatumata (Fatinha), e ainda, o Saltinho e o Xitole. Nessa altura a situação militar naquela zona era de uma relativa acalmia, mas já havia então notícias que poderia vir a mudar.

A ideia de voltar à Guiné, quase 50 anos passados, foi amadurecendo e depois de alguns adiamentos a viagem foi marcada para os finais do mês de fevereiro, deste ano. O Clemente fez questão de levar o seu filho Manuel e, este, de ir acompanhado da sua companheira Beatriz.

O primeiro dia de estada em Bissau foi dedicado a dar uma volta pela cidade e a tentar reconhecer os locais que nos diziam qualquer coisa. Podemos constatar

a degradação das ruas e dos edifícios e a quantidade de lixo existente por todo o lado. O que acontecera às ruas limpas, sem buracos, com as suas vivendas pintadas, com os seus jardins floridos de várias cores, que tanta beleza emprestavam ao ambiente?

“De vez em quando via-se um edifício novo, de vários andares, melhor conservado, recentemente construído e pertencente à administração do Estado ou a uma cadeia de hotéis.”

Fizemos uma passagem pelo Mercado Municipal onde as vendedoras de frutas, caju e mancarra abundavam, bem como os negociantes de moeda, de créditos de telemóvel e de mercadorias de toda a espécie. Como tínhamos muita curiosidade de ver a antiga messe de oficiais, nas imediações do Quartel General, na zona de Santa Luzia, para lá nos dirigimos. No espaço correspondente às antigas instalações militares existia agora um hotel de 5 estrelas, pertencente ao grupo “Azalai”, denominado “24 de setembro”. Para além de ter havido o aproveitamento de algumas das principais instalações existentes, foram construídas outras de raiz e todo o conjunto foi melhorado com áreas ajardinadas.

Contudo, o edifício da sala de refeições e bar, bem como a piscina permaneciam praticamente iguais. Fora neste espaço que se passaram momentos de grande calma,

paz e sossego e se conversara com camaradas e amigos sobre as peripécias da guerra, que não conseguíamos esquecer!

Logo que nos foi possível deslocámo-nos para Sul para voltar aos locais onde havíamos vivido em situações deveras complicadas e por esse motivo, haviam ficado bem gravadas na nossa memória. Aproveitaríamos para cumprimentar (“partir mantinhas”) o régulo e gentes do Saltinho.

Iniciámos a viagem no “jeep” Mitsubishi, pertencente ao Sado e por ele conduzido. Passámos por Safim, depois Jugudul, onde parámos numa bomba de gasolina da Galp. Continuámos para Bafatá, onde fomos dar uma volta pela parte antiga da cidade e verificámos que a mesma estava num quase abandono. Apenas algumas pessoas, sentadas à porta das casas, esperavam por alguém, que não viria certamente. Uma vivenda destacava-se, entre aquela desgraça, por estar bem pintada e possuir cores claras. Foi-nos dito que naquela local tinha nascido, o pai da Pátria Guineense, Amílcar Cabral!

Seguimos por Bantanbian, Babandinca e Xitole. Os cajueiros continuavam, como para trás, a dominar as bermas da estrada. Por algum motivo se diz que o caju é o “novo ouro” da Guiné. São quilómetros e quilómetros daquelas árvores! Após cerca de quatro horas de caminho, com algumas paragens técnicas chegámos ao Saltinho, sempre por estradas asfaltadas e razoavelmente conservadas.

Aguardava-nos o régulo Suleymane Baldé, acompanhado dos “homens grandes” do seu regulado, todos vestidos a preceito, com o seu traje muçulmano, balandrau e solideu brancos com

lenço colorido enrolado no pescoço, no exterior da sua casa, onde não faltou o batuque, para animar o ambiente. Foi emocionante o afetuoso abraço dado pelo Clemente e o Suleymane! Quanto respeito, consideração e amizade mútua transbordou naquele gesto! Depois dos cumprimentos de chegada, fomos entrando para o alpendre da casa, onde cadeiras e bancos, encostados às paredes já se encontravam posicionados para a sessão de boas vindas que se iria seguir. O espaço existente para tanta gente era demasiado insuficiente.

No exterior, terreiro em frente da casa, mulheres e crianças, para além doutros homens, acotovavam-se para não perder pitada do que se estava a passar.

Foram então proferidas palavras alusivas ao momento que estávamos a viver, pontificando a amizade e compreensão que sempre existiu entre portugueses e guineenses. Vários “homens grandes” que tinham trabalhado com o Clemente, lembravam-se muito bem do Capitão, que recordavam com admiração pelas suas qualidades humanas e de comandante, numa altura crítica das suas vidas, coincidente com o reordenamento da população no Saltinho, e consequente construção das habitações.

As diversas intervenções terminavam sempre com grandes salvas de palmas. Após o uso da palavra por todos que o quiseram fazer, foi oferecida ao Clemente uma cabra que serviu para o nosso almoço. O batuque irrompeu novamente, com algumas mulheres a mostrarem as suas capacidades rítmicas, numa manifestação de regozijo. Momentos inolvidáveis que todos os que os viveram recordarão

sempre, como símbolo de amizade entre os homens e que selaram, da melhor forma, a presença portuguesa por aquelas paragens.

No dia seguinte, bem cedo, lançámo-nos outra vez à estrada. Desta vez o destino era a mítica Guileje! Saímos em direção ao Quebo (Aldeia Formosa), passámos em Mampatá, e de seguida rumámos a Sul. Até aqui a estrada fora toda asfaltada, havendo uns buracos, poucos, de vez em quando. Pior seria a partir desta povoação. Picada com muito pó e muito maltratada levou-nos até Balana, Gandembel e, finalmente, Guileje depois de saltos e mais saltos. Viagem muito cansativa. Parecia que tínhamos voltado aos tempos da guerra. Tipo de vegetação, picada e paisagens transportava-nos àqueles tempos. Contudo, saber da não existência de minas e de possíveis emboscadas, conduzia-nos à realidade e amenizava e, de que maneira, a deslocação.

Visitámos os Museus de Etnologia do Cantanhês e da Guerra da Independência, no espaço onde existiu o quartel das Tropas Portuguesas abandonado em 1973. Ainda se podiam ver vestígios da nossa presença, tais como restos de construções das casernas, pequenos monumentos com indicações das unidades e com nomes dos militares e, ainda, da capela quase intacta. Nas imediações do pavilhão da Guerra da Independência, afastados umas dezenas de metros, posicionavam-se um Unimog 404 e uma peça de artilharia antiaérea, simbolizando os dois contendores. No interior do Museu havia diversos quadros e painéis com fotografias, mapas, frases sobre a guerra e material diverso usado pelos dois oponentes, PAIGC e Forças Armadas Portuguesas.

Deixei escrito no Livro de Honra do museu o seguinte testemunho: “Que a nossa memória seja preservada e que o nosso sofrimento seja reconhecido”. Isaias Teles, alferes da CCaç1591-Mejo - 1967.

A viagem ao sul terminou ao fim do dia, bastante cansados é certo, mas tremendamente satisfeitos por tudo o que tínhamos visto e sentido, especialmente no Saltinho, onde tivemos a felicidade de contactar com uma população que se lembra muito bem de nós, pelos melhores motivos, e que nos considera gente de bem e sempre disponíveis para os ajudar. 🇬🇪

Investigação/Estudo “O impacto da missão de paz nos militares da Força Aérea no Mali (a proteção da força)”

O estudo foi elaborado com os militares da Força Aérea Portuguesa (FAP) que participaram na Missão Integrada Multidimensional de Estabilização das Nações Unidas no Mali (MINUSMA) de novembro de 2016 a abril de 2017, numa missão de seis meses. Os militares da Proteção da Força (PF) foram divididos em dois grupos, sendo que cada grupo permaneceu no Mali durante três meses.

A PF, caracterizou-se por um grupo militar especializado em Operações Táticas de Projeção (Polícia Aérea) com a missão de protegerem o material, equipamento e aeronaves da FAP, assim como assegurar a segurança no local das Forças Nacionais Destacadas (FND) em missão das Organizações Internacionais.

A MINUSMA foi considerada pelos Ministros da Defesa Nacional e dos Negócios Estrangeiros uma missão de paz de nível de risco de classe C, a de maior risco, engloba então “Países ou territórios em situação de guerra, conflito armado interno ou insegurança generalizada e ainda aqueles em que se verificam graves condições de salubridade” (Portaria nº 87/99 de 28 de Janeiro dos Ministérios dos Negócios Estrangeiros e da Defesa Nacional, 1999, p.1112), sendo que por graves condições de salubridade se entende um conjunto de características com probabilidade alta de colocar em risco a vida humana.

O estudo teve como objetivo avaliar os militares, antes e depois da missão ao nível da Perturbação de Stress Pós-Traumático (PSPT) sintomatologia associada e autoestima.

A PSPT é uma perturbação psiquiátrica que se desenvolve na sua origem numa pessoa que vivenciou uma experiência traumática na qual a sua vida ou de idênticos foi ameaçada e incrementa uma reação de medo, abandono e horror (Anúnciação, Pinto & Lima, 2011; Durand & Barlow, 2010; Maia & Fernandes, 2003). Vários estudos (Maia, 2007; Oliveira, 2008; Pereira & Pedras, 2011; Pinto, Gonçalves & Lima, 2012; Correia, 2014) encontram nos militares participantes em operações de paz sintomatologia relacionada com a PSPT ao nível da ansiedade, evitamento, intrusão,

excitabilidade reativa, fobias, perturbação de pânico, depressão, problemas da relação marital e de relacionamento e queixas somáticas.

A autoestima ou estima de si é caracterizada por uma percepção do indivíduo em relação a si próprio. Brites, Pires, Nunes e Hipólito (2014, p.5) referem a “autoestima como o resultado subjetivo (afetivo, cognitivo, emocional e comportamental) do olhar valorativo



mente ao nível da PSPT, sintomatologia associada e da sua autoestima?

O estudo não apresentou diferenças estatisticamente significativas entre os militares no ante e pós-missão. Um estudo com militares participantes numa missão no Afeganistão (Osório e Maia, 2010), com base no estudo de Smith e colaboradores (2008), identifica diferenças ao nível da preparação dos militares para as missões de Paz, sen-

do que o mesmo estudo sugere que os militares da Força Aérea têm menos tendência a desenvolverem PSPT comparativamente a outros ramos das Forças Armadas.

da pessoa sobre si própria, que poderá estar relacionada com uma noção idealizada de si.” Quando a autoestima do indivíduo é alta, este tende a sentir-se menos frustrado e nervoso perante um acontecimento suscetível de gerar stress, levando a que enfrente melhor estas situações e situações ou acontecimentos potencialmente traumáticos. Por outro lado, quando um sujeito tem uma autoestima baixa tem tendência para reagir inadaptadamente a situações adversas, mostrando dificuldade em se valorizar a si próprio e apresenta menos confiança nas suas capacidades (Correia, 2014).

No nosso estudo, existe também o fator temporal que é favorável aos militares, sendo uma das primeiras missões em que o tempo de prevalência em Teatro de Operações é de apenas três meses, sendo que vários estudos referem o período considerado crítico numa missão de Paz, o quarto e quinto mês, os militares participantes no nosso estudo não chegaram ao período crítico da missão, podendo ser justificativo do não desenvolvimento de sintomas relevantes de PSPT e/ou sintomatologia psicopatológica associada.

Relativamente à autoestima, os militares apresentam uma boa estima

de si, ou seja, uma boa relação entre o self auto-percebido, e, o self ideal (TAP, Hipólito & Nunes, 2009), identificando-se a existência da parte dos militares da Proteção da Força um sentimento de dever cumprido com a missão de paz e uma capacidade para reconhecerem que mesmo que a missão tenha proporcionado situações adversas, como uma realidade desfavorecida, valorizaram assim os aspetos positivos, como a realização de novas experiências e novos conhecimentos profissionais e pessoais, aos aspetos negativos, aumentando assim a sua autoestima, o que significa uma diminuição da incongruência entre o self percebido e o self desejado, sendo este processo indicador de uma evolução positiva e até terapêutica (Correia,

2014; Hipólito, 2011; Rogers, 2000).

Concluiu-se que algumas missões de paz internacionais se desenvolvem em contextos desfavoráveis e que envolvem riscos para os militares participantes, e que apesar de um bom planeamento, preparação e aprontamento, podem os militares vir a desenvolver PSPT. Esta preocupação preventiva requer um maior número de psicólogos e psiquiatras especialistas, na investigação, no apoio e acompanhamento e no tratamento aos combatentes que vivenciam o acontecimento traumático em cenários de conflito.

Segundo os responsáveis pela organização, seleção, preparação e acompanhamento dos militares da Proteção da Força (2017), os resultados obtidos foram muito positivos, a formação e

preparação específica dos militares que participaram na missão obteve resultados muito favoráveis para o sucesso da missão. O estudo de Osório & Maia (2010), com militares paraquedistas e comandos do Exército referiu também os diferentes aspetos da formação e treinamento dos militares, como a preparação, a disciplina, a união do grupo, a liderança e o comando como contribuindo para a redução de situações que potenciam o desenvolvimento de PSPT, assim como de sintomatologia associada à perturbação e a baixos níveis de autoestima.

Todos os estudos com militares participantes em missões de paz internacionais referem que é fundamental o acompanhamento dos militares, antes, durante e após a missão. ■

Resumo da dissertação elaborada por Joana Margarida Nunes Gonçalves, estagiária curricular de Psicologia no CAMPS de Lisboa, para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e de Aconselhamento, na Universidade Autónoma de Lisboa sob orientação dos Professores Doutores João Hipólito e António Correia. O estudo/tese pode ser consultado no CEAMPS.

“A avó veio trabalhar”

No dia 13 de julho de 2018, sexta-feira 13, o dia previa-se, para os mais supersticiosos, cheio de sorte ou cheio de azar. Para as senhoras do nosso grupo terapêutico foi um dia cheio de sorte. Puderam conhecer as Avós do projecto ‘A avó veio trabalhar’. Conheceram as Avós, o espaço que ocupam, em Lisboa, muito perto da Liga dos Combatentes, e toda a sua alegria e boa disposição. Tanta energia que às vezes era difícil acompanhá-las. Foram convidadas a participar num Workshop de flores de papel, orientado pela Avó Nazaré Simões, Clara Patrício, Patrícia Soraya e pelo Ângelo Campota, um dos coordenadores do projecto. Foi um dia diferente e especial fora do espaço tradicional de gabinete. Foi organizado um Workshop que proporcionou um momento de convívio, estimulação da motricidade fina e da concentração. Algumas senhoras partilharam a sua vontade em ensinar aos netos o que tinham aprendido e outras deram-nos a conhecer dotes artísticos que desconhecíamos. Talvez numa próxima actividade possam ser elas a ensinar-nos a sua arte.

O projecto ‘A avó veio trabalhar’ é “uma iniciativa de aprendizagem, partilha e empowerment, que através da



utilização dos labores tradicionais e do design aumenta o poder de intervenção dos seniores da nossa comunidade”. Em 2014, a Designer Susana António e o Psicólogo Ângelo Compota criaram a ONG Fermenta da qual floriu, pouco tempo depois, ‘A Avó Veio Trabalhar’. Têm apoios da Camara Municipal de Lisboa, da Junta de Freguesia da Misericórdia, Fundação PT e Fundação Calouste Gulbenkian. Têm feito parcerias com artistas, festivais, outros projectos sociais e recebem diariamente pessoas para partilharem o que sabem e partilharem momentos. O espaço, ao qual chamam segunda casa, situa-se na Rua do Poço dos Negros, nº 124 em Lisboa e é aí que se encontram todos os dias para conviver, criar as suas peças,

que vendem a quem quiser levar para casa uma pitada do seu talento e bom gosto. A Fermenta também tem apostado num espaço para os avós, focado nos seus interesses. O CAMPS ficou ligado a este projecto e com vontade de visitar este espaço, ainda numa fase inicial, e continuar a visitar as Avós, que são quase nossas vizinhas.

Este dia continuou com o almoço convívio e fraterno nas instalações da Liga que juntou o grupo das Mulheres com o grupo dos Homens e pela tarde, logo a seguir ao almoço deslocaram-se para o Forte do Bom Sucesso onde visitaram o Monumento e o Museu do combatente, a capela e o monumento ao soldado desconhecido. ■

O CAMPS 4 – COIMBRA

No projeto de proximidade aos Combatentes e aos Núcleos de maio a julho de 2018

A equipa do Centro de Apoio Médico, Psicológico e Social da zona centro (CAMPS 4 – Coimbra), consciente dos desafios que surgem quando ultrapassamos a barreira dos 65 anos (idade da reforma), realizou missões em alguns Núcleos da região Centro; Batalha, Marinha Grande, Figueira da Foz, Leiria, Viseu e Cantanhede, operacionalizando deste modo um modelo de trabalho assente nas parcerias e na proximidade, quer aos combatentes e suas famílias, quer aos próprios Núcleos.

Com o objetivo principal de dar uma melhor resposta ao nível dos cuidados médicos, psicológicos e sociais aos combatentes e sócios da Liga dos Combatentes, realizámos, de maio a julho de 2018, triagens e encaminhamentos e identificámos as necessidades de intervenção junto dos combatentes sinalizados pelos núcleos. Estes contatos constituíram-se igualmente como momentos de recolha de dados para a investigação da estagiária de Psicologia, que colaborou no CAMPS 4 no ano letivo de 2017/18. Agradecemos a colaboração dos Núcleos e dos combatentes, pois só com a realização destas investiga-



Núcleo da Figueira da Foz – 03 de maio de 2018



Núcleo da Marinha Grande – 09 de maio de 2018

ções é possível aumentar o conhecimento que temos sobre a Perturbação de Stress Pós traumático e outros desafios clínicos com que nos deparamos diariamente e

assim melhorar a nossa intervenção. Estão já agendadas novas deslocações a alguns destes núcleos para dar continuidade a um trabalho já existente. 



Núcleo de Cantanhede – 23 de julho de 2018

Oferta de uma Espada ao Museu do Combatente

No dia 15 de maio de 2018, D^a Maria Armanda Louro Tavares dirigiu-se ao Museu do Combatente, no Forte do Bom Sucesso, em Belém, para oferecer a espada que tinha acompanhado o seu avô na Grande Guerra em África.

Nascido em Portalegre, desconhecendo-se de momento a data de nascimento, da morte e o local onde esteve em África, João António de Almeida Tavares pertenceu à Guarda Fiscal Republicana, tendo o filho sido herdeiro da espada.

Este Capitão Armando de Almeida Tavares nasceu em Portalegre em 31 de janeiro de 1909 fez o seu percurso militar em vários locais, tais como Viana do Castelo, Vila Nova de Gaia, Cascais, Setúbal, Águeda, Lourenço Marques onde fez uma comissão de sete anos, Santa Margarida, S. Miguel-Açores e finalmente Guiné, onde perdeu a vida em 3 de junho de 1965.

A espada que estava lacrada e o seu interior cheio de ferrugem pelos anos



foi limpa pela logística do Museu do Combatente. Tem 100cms de comprimento e 87cms de lâmina, e segundo palavras da D^a Maria Armanda: "Nesta

altura penso que o melhor lugar para ela ficar seria aí no Museu do Combatente do Ultramar. Ele de certeza que gostaria da opção que fiz".



**CAMBRIDGE
SCHOOL**
PORTUGAL

Ano letivo inscrições abertas.

Educação: o seu melhor investimento.

Investir em educação é a melhor forma de atingir objetivos pessoais e profissionais, alargar oportunidades e construir um futuro melhor.

Navio Niassa 4 de agosto de 1967

José Nobre

Era o nosso segundo dia de viagem a bordo do Navio Niassa, o qual pertencia à Companhia Nacional de Navegação, mas que desde o início da guerra ultramarina servia para transportar os mancebos mobilizados para o chamado ultramar. O nosso destino era Moçambique. Rapidamente compreendemos que a vida dentro daquele navio não seria fácil. Os porões tinham sido transformados em dormitórios, centenas e centenas de camas que não eram mais do que umas tábuas cobertas com os chamados “colchões de espuma” e uma manta. Não existia qualquer local para as refeições, os duches eram de água salgada e as retretes eram uns cubículos mal-amanhados, onde a privacidade dos utilizadores não existia. Bastou uma única noite, a primeira, para que a vida a bordo daquele navio se transformasse num inferno. O cheiro a vomitado que vinha dos porões era indescritível. Começava bem a nossa viagem a caminho de uma guerra que ninguém queria.

Nessa manhã de 4 de Agosto de 1967, tivemos a primeira palestra dada pelo nosso capitão, o comandante da Companhia de Cavalaria 1728, e também a primeira revista ao fardamento, entre outras coisas.

O *marroquino*, soldado condutor 044483/67, era a gargalhada da companhia 1728. Quando recebeu o fardamento, poucos dias antes do embarque para Moçambique, meteu-o dentro do saco de viagem e nunca mais lhe tocou, ficou tal e qual como lhe tinham entregue.

Antes da formatura já todos riam do fardamento do “marroquino”, que se destacava de todos os outros que tinham o fardamento à sua medida. O alferes Guerra gritou, sentido, e todos ao mesmo tempo obedeceram à ordem.

O Capitão Pereira Monteiro, ou seja, o “Becas” acabava de chegar para proceder à primeira revista da companhia. Olhou para todos, um a um, e ia fazen-



do alguns reparos sobre o cabelo, a barba, as camisas desabotoadas e até o emblema da boina que não estava direito. A meio da revista, deu com os olhos no *marroquino* e não acreditou no que estava a ver. Tinha um verdadeiro espantinho na sua frente, no meio do seu pessoal. Ficou vermelho (particularidade do “Becas” quando se irritava). Fez-se ainda mais silêncio. Todos esperavam pela reação do comandante da companhia.

- Então você (o “Becas” tratava todos por você), não tinha ninguém para lhe tratar do fardamento? Porque não trocou a camisa e os calções? O algarvio mantinha-se em sentido.

- Diga-me lá porquê?

O Niassa avançava para Moçambique e enquanto o “Becas” falava, o silêncio ainda era mais pesado, até os motores do navio faziam menos barulho.

- Como o meu capitão sabe, os meus pais estão em França, vai para dois anos, e eu não sei coser roupa e também não tenho ninguém na família que tenha o curso de “Corte e Costura”.

Ouviu-se um burburinho na formatura, o Augusto, mesmo ao lado do *marroquino*, fazia um grande esforço para não rir.

- E as camisas, meu capitão, só haviam estas quando chegou a minha vez de receber o fardamento. Ainda ficou

mais vermelho, o “Becas”. A sentença caiu pesada, chamou pelo furriel responsável pelos condutores, mais conhecido por “Parafuso”, e disse-lhe:

- Este soldado deverá comparecer na próxima formatura com a cabeça rapada, e fica proibido de sair do navio quando chegarmos a Luanda.

Saiu-lhe cara a piada do “corte e costura”. Em pleno Atlântico tinha começado uma relação, entre o “Becas”, o *marroquino* e o barbeiro, que só terminaria no dia 12 de outubro de 1969, quando regressaram a Lisboa. Durante os vinte e sete meses moçambicanos, foram só mais umas doze carecadas, o *marroquino* partiu careca e chegou careca.

Evidentemente que o “Becas” quando da nossa escala em Luanda, deixou-me sair do Niassa, para um breve conhecimento da capital angolana.

Depois do nosso regresso de Moçambique e já no quartel de Estremoz, e na hora das despedidas, o “Becas” abraçou o *marroquino* e disse-lhe: Se algum dia tiver filhos e eles se portarem mal,... não se esqueça de lhes dar uma carecada.

Ainda hoje, quando entro numa barbearia e me sento na cadeira, sinto a vontade de dizer... É mais uma carecada.

RIP – Capitão Pereira Monteiro, nunca me esquecerei de si. 🇵🇹



Dia da criação do EMGFA



Isabel Martins

O dia iniciou-se com uma missa na Igreja da Memória, decorrendo de seguida as cerimónias militares em frente à Torre de Belém, que incluíram revista às forças em parada pelo Primeiro-ministro António Costa, oração pelo Capelão Chefe do Exército Padre Jorge Matos, com os toques de silêncio, homenagem aos mortos em combate, um minuto de silêncio, toque de

alvorada e sobrevoo de 4 aviões F-16 da Força Aérea, alocações alusivas ao ato pelo Chefe de Estado-maior General das Forças Armadas, Almirante Silva Ribeiro, Primeiro-ministro António Costa e desfile das forças em parada.

Com a participação dos três ramos das Forças Armadas, o evento, que se realizou no passado dia 3 de setembro, foi presidido pelo Primeiro-ministro, António Costa, e contou com a presença do Ministro da Defesa Nacional, José Azeredo Lopes, o Chefe do Estado-maior General das Forças Armadas, Almirante António Silva, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Fernando Medina, Secretário de Estado da Defesa Nacional, Marcos Perestrello, entre muitas outras entidades civis e militares, incluindo o anterior Che-

fe do Estado-maior General das Forças Armadas, General Pina Monteiro.

A presença da fanfara e da banda do exército acompanharam os atos solenes com música.

De relevar o estandarte nacional à guarda do EMGFA, e respetiva escolta comandada pelo Tenente João Martins.

Presentes um batalhão dos três ramos constituído por 294 militares, e composto por três companhias.

As cerimónias continuaram com a homenagem aos mortos, as alocações do Almirante Silva Ribeiro e Primeiro-ministro, condecorações do Estado-maior General das Forças Armadas a militares e civis que prestaram serviços relevantes e o desfile das Forças em Parada. 



José Augusto Serra Pinto um excepcional combatente

Um grupo de militares, deu-nos conta do inesperado passamento do coronel José Augusto Serra Pinto, militar condecorado e um camarada sempre atento e amigo dos seus amigos. São várias as histórias que os amigos contam dele. O «Combatente» associa-se a essas breves mas sentidas homenagens, publicando uma pequena estória, a História onde ele foi protagonista.

Comandava a Companhia 2306 do Batalhão de Infantaria a que pertencemos, nos anos de 1968, 1969 e os dois primeiros meses de 1970, em Angola. Por razões de proximidade (a minha companhia, a 2308, ocupou quase sempre uma zona operacional contígua à da 2306), fomos cimentando o agrado em trabalhar juntos, eu alferes miliciano comandando um Grupo de Combate, ele aparecendo-me como um capitão experimentado (condecorado com uma Cruz de Guerra em comissão anterior, na Guiné), altamente competente, gerindo com mestria uma salutar camaradagem com oficiais, sargentos e praças, o que o tornava querido e admirado por quem com ele convivia.

Um acaso fez com que o meu pelotão, no regresso de uma operação de reabastecimento em Ambrizete, em 5/9/1968, ao chegar a Tomboco deparasse com a pista de aterragem cheia de macas, enfermeiros segurando frascos de soro e vários DO 27 fazendo evacuações, em ponte aérea para o hospital do Sector.

Uma coluna da 2306 tinha sido emboscada. Perguntando-me o comandante do Batalhão, TCor. Pedro de Barcelos, se me sentia em condições de suspender a missão e acorrer com o meu pessoal em apoio aos embos-

cados, a resposta só podia ser uma.

Era já noite quando chegámos ao local e a primeira pessoa que me deu notícias concretas foi o Cap. Serra Pinto. Tinham sofrido 7 mortos e 16 feridos. Sabendo da minha amizade com o alferes que comandava a coluna atacada, disse-me: «Uma notícia chata... Morreu o Trindade».

Um mês antes, em Ambrizete, estando o pelotão do António Trindade e o meu prontos para regressar aos respectivos quartéis, para ver quem se livraria da maior poeirada saindo em primeiro lugar, jogámos às moedas. O Trindade saiu meia hora depois de mim. E foi atacado, o que teria sucedido à minha coluna, caso tivesse saído em segundo lugar, pois o inimigo sabia quantos pelotões estavam em Ambrizete e não iria atacar o primeiro, vindo outro atrás. Dessa vez, morreu o furriel Rui Mascarenhas. O Cap. Serra Pinto vinha na coluna. Viveu um episódio que descreveu com humor na brochura comemorativa da sua Companhia, na secção «Qual o maior susto que apanei em Angola»:

«...Vinha da Metrópole e ainda me recusava a acreditar que a licença tinha acabado. Antes da coluna partir

de Ambrizete, o enfermeiro colocou-me um penso sobre a vista direita, que estava inflamada. Aos saltos do Unimog, contava as «últimas» de Lisboa, quando soam tiros por todos os lados. Salto rápido e fico ao lado do Furriel Soares. À nossa frente vejo um turra empoleirado numa árvore, bem perto. Pensei: «- Este já está no papo!». Arma à cara, fecho o olho esquerdo ao fazer a pontaria... e fico às escuras!... Sem ver nada, há uma fracção de segundo em que me assusto! Mas que susto... Afinal era só o penso que me tapava ainda a vista direita!».

Essa brochura, que guardo com veneração, tem a seguinte dedicatória:

«Ao «Che» Gouveia, com um abraço de amizade da 2306 e particularmente do muito amigo, Serra Pinto, 13.3.70, T/T UÍGE»

A partir da emboscada de 5 de Setembro de 1968, no Uéne (Lufico), sempre que a 2306 precisava de algum reforço, o Serra Pinto pedia o meu pelotão ao Comando. E se não pedia, eu oferecia-me com os meus homens, que também se sentiam muito bem nos quartéis comandados por ele. Anos volvidos, encontro-o. «- Agora estou na GNR. Temos de ir almoçar um dia destes». Nunca fomos. Mais uns anos e tive de ir à Ilha da Madeira, em serviço, durante uma semana. Sabia que o Serra Pinto, já tenente-coronel, era o Comandante da PSP na ilha. Avisei-o da minha chegada. Estava à minha espera, no aeroporto. Pôs à minha disposição um

carro da Polícia, não identificado, com motorista à paisana, que me ia pôr ou buscar quando eu quisesse, onde quisesse. Deu-me o «santo» e a «senha» pessoais. Se em qualquer circunstância eu precisasse dele, bastava dirigir-me a um guarda de giro, dar as palavras mágicas e logo pelo rádio portátil falaríamos directamente. Algumas das nossas saídas, no Funchal, foram para uns almoços com a família, ou com grupos de amigos seus. Fiquei a conhecer a Mulher e os filhos. Tenho fotografias recordando esses dias. Ofereceu-me uma recordação divertida, prova do seu sentido de humor, uma «Declaração» formal, em papel azul, timbrado, com selo branco, da PSP, que atesta:

«Manda o Comando Regional da Madeira que se faça constar a todos os interessados, com especial relevância para as Esposas Fidelíssimas ou Noivas, que exercem o «PODER CONJUGAL», por incapacidade parcial ou permanente da outra parte contratante, que Daniel Gouveia, em gozo de serviço que esteve nestas Ilhas da Madeira e Porto Santo, de 28.4 a 4 do mês de Maio do ano da graça de 1982, a estas não ficou ligado como MACHIM e nem sequer por bem houve incentivar o povoamento iniciado por João Gonçalves Zarco, tendo-se antes dedicado à Economia de Esforços. E para que fique bem expresso e dúvidas se não possam ter, aqui faço minha fé que o cidadão acima dito não ousou tentar ou procurou contundir, ou como tal actuar, em pessoa ou seus bens, para seu gozo ou de outrem. E por tal ser verdade e a demanda do pedinte de mercês, dou minha honra de que tudo se passou (mais ou menos) conforme narrado fica, que autentico com assinatura e selo branco deste Comando.

Madeira, 4 de Maio de 1982

O COMANDANTE

Serra Pinto

Tenente-coronel.»

Constou-me que, a dada altura, Serra Pinto foi instado, por uma hierarquia menos sensível ao bom humor, a acabar com estas «declarações». Mais uns anos passados e publiquei «Arcanjos e Bons Demónios». Entre outros epi-



sódios, descrevo um combate que um pelotão da Companhia do Serra Pinto travou com um grupo de elite do MPLA, integrando elementos cubanos, entretanto infiltrado para «abrir a frente de Malange». Classifiquei-o como o último combate clássico de Infantaria, do Império. Na verdade, sabendo-se da entrada do grupo inimigo na zona, todo o Batalhão se dispôs em batida e calhou ao pelotão do Alf. Mil. Rui Patuleia (já falecido) encontrá-lo perto de Quitapa e encurralá-lo na curva de um rio. Troca de tiros. Dois helicópteros não conseguiram desalojar o inimigo de entre as árvores. Então, o Patuleia deu a ordem de carregar a peito descoberto, disparando tiro a tiro, e desbaratou a hoste contrária, sem uma baixa, no que foi a maior derrota do MPLA em operações, entre mortos, prisioneiros, afogados no rio ao tentar a fuga, e material recolhido. Isto reconhecido pelos próprios, já depois da independência.

Na exploração do sucesso, Serra Pinto, Rui Patuleia e um dos inimigos que, arrependido, se prontificou a levá-los onde havia material escondido, primeiro de helicóptero, depois a pé porque já era noite e o helicóptero teve de voltar à base, conseguiram alcançar o objectivo, onde se fez uma das maiores apreensões conhecidas de material de guerra. Dessa vez, a ponte aérea foi de helicópteros, pois foram necessárias várias viagens com os aparelhos carregados ao máximo, tal a quantidade e

peso do material apreendido.

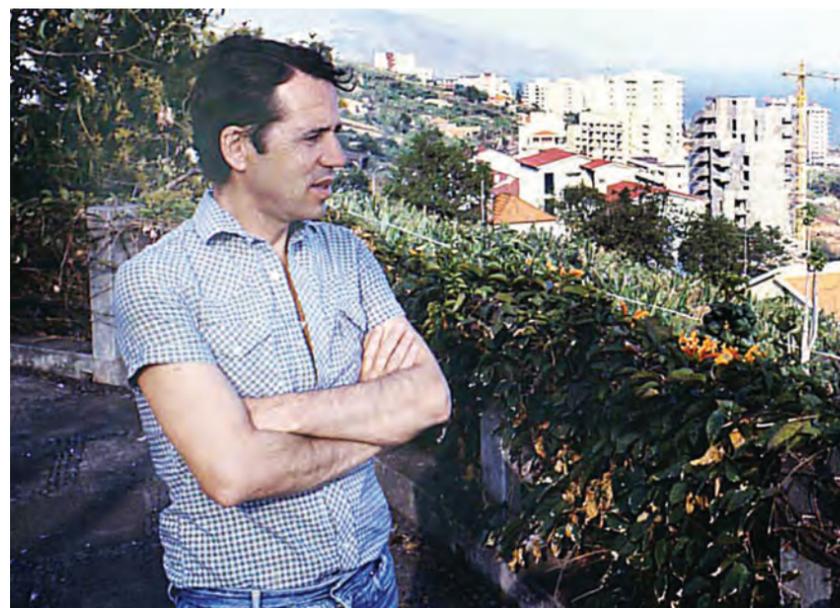
Já na vigência da Tertúlia Fim do Império, disse ao Serra Pinto: «- Temos de escrever, os dois, um livro sobre o combate de Quitapa». Concordei. Reuní material. Estava quase a convocar-me para começarmos. Não nos deu tempo.

Eu tinha obtido os relatórios do Comando do nosso Batalhão, cedidos pela família de Pedro de Barcelos, entretanto falecido, e entreguei-lhos para recolha de mais dados. Ali se vê que a Companhia 2306 sofreu 8 mortos e 19 feridos em combate, mais 5 feridos em serviço. Condecorações recebidas: Cap. Serra Pinto, Medalha de Mérito Militar; restante pessoal, 4 Medalhas de Valor Militar com Palma (uma a título póstumo), 4 Medalhas de Cruz de Guerra (uma a título póstumo), 3 Medalhas de Mérito Militar (uma a título póstumo), 12 Louvores do Ministro do Exército, 8 Louvores do Comando do Sector, 29 Louvores do Comando do Batalhão.

Dos quatro capitães Comandantes de Companhia do Batalhão, Serra Pinto era quem atingia os mais altos valores nas avaliações periódicas, em todos os parâmetros.

O livro «O Combate de Quitapa» ficará por escrever, porque o Comandante da Companhia partiu em viagem e só regressará, muitas vezes, às nossas recordações.

Daniel Gouveia



Ribeirão inaugura mural alusivo à Grande Guerra

No passado dia 8 de julho, para assinalar a comemoração do seu sétimo aniversário, o Núcleo de Ribeirão inaugurou, junto à sua sede, na Praça de Santa Ana, um Mural com um Painel em azulejo alusivo à Grande Guerra, junto ao Monumento de Homenagem às Mães e aos Combatentes do Ultramar, naturais daquela vila do concelho de Vila Nova de Famalicão. Para além do referido Painel foi também descerrada uma lápide metálica, a toda a largura do frontispício do edifício sede do Núcleo, com os nomes dos famalicenses e ribeirenses que tombaram ao serviço da Pátria naquele conflito mundial.

As cerimónias alusivas ao evento iniciaram-se com a celebração de uma Missa de Sufrágio pelos Combatentes falecidos, na Igreja Paroquial, celebrada por Monsenhor Manuel Joaquim que, durante a homilia, na simplicidade e humildade que o caracterizam, fez o enquadramento histórico das razões que levaram à eclosão da GG e ao mesmo tempo relacionou o flagelo da guerra

com a Leitura da Profecia de Ezequiel, que relata a revolta do povo de Israel contra o Senhor.

Posteriormente foram agraciados, com as medalhas das Campanhas e das Comissões Especiais, Combatentes naturais de Ribeirão. Houve lugar também à imposição de medalhas da Liga dos Combatentes de Honra ao Mérito Grau Ouro e Grau Prata, respetivamente, às seguintes individualidades: Dr. Paulo Cunha, Presidente da Edilidade Famalicense; Adelino dos Santos Oliveira, Presidente da Junta de Freguesia de Ribeirão; Monsenhor Manuel Joaquim, Pároco de Ribeirão e ao Prof. Manuel dos Santos Oliveira, antigo Vice-presidente do Núcleo e ao antigo Vogal Manuel Rocha.

Nesta cerimónia a Direção Central da LC esteve representada pelo Presidente, General Chito Rodrigues, acompanhado pelo Vogal Arq. Eduardo Varandas, verificando-se também a presença de várias autoridades civis e militares da Vila de Ribeirão e do Concelho de Vila Nova de Famalicão, designadamente,

o Presidente da Câmara Municipal, Dr. Paulo Cunha, o Vereador da Cultura, Dr. Leonel Rocha; Presidente da Junta de Freguesia de Ribeirão, Adelino dos Santos Oliveira; o 2.º Comandante da Escola Prática de Serviços, Tenente-coronel Guedes, marcaram também presença os Núcleos de Matosinhos, Penafiel, Marco de Canavezes e da Lixa da Liga dos Combatentes, o Presidente do Núcleo de Winnipeg, Canadá, Pedro Correia e o Presidente da ADFA, Comendador José Arruda, muitos combatentes, suas famílias e população em geral. Depois de uma prece religiosa, proferida por Monsenhor Manuel Joaquim, foram colocadas coroas de flores, em honra dos que tombaram em defesa da Pátria, junto à base do Monumento e guardado um minuto de silêncio.

Seguiu-se no uso da palavra a filha de um combatente, Dr.ª Sílvia Correia, o Presidente do Núcleo de Ribeirão da LC, Ferreira dos Santos, o General Chito Rodrigues, Presidente da Liga dos Combatentes e o Dr. Paulo Cunha, na

qualidade de Presidente do Município de Famalicão.

Da alocução produzida pela filha do combatente realça-se a afirmação de que a guerra nunca acaba e que o seu pai tal como todos os outros foram uns heróis, por se dedicarem a uma luta de causas nobres em prol de todos. Concluindo dizendo que “os nossos pais precisam de ser reconhecidos em vida.”

O Presidente do Núcleo de Ribeirão, na sua intervenção, chamou particular atenção para a situação de miséria, fome e ausência de cuidados de saúde que afeta um universo considerável de combatentes, acabando por citar as palavras do Presidente da República, quando se dirigiu ao primeiro-ministro, por ocasião de uma cerimónia em Mafra, ao recomendar o apoio urgente aos combatentes.

O General Chito Rodrigues começou a agradecer o apoio concedido ao Núcleo de Ribeirão pela Câmara Municipal e Junta de Freguesia, para depois afirmar que a Liga dos Combatentes tem uma característica muito própria de festejar estes eventos: rezando pelos mortos, homenageando-os e honrando-os e ao mesmo tempo lutando pela dignidade dos vivos. “Recordamos o passado, festejamos o presente e acreditamos no futuro”, referiu a dado passo da sua alocução. Realçou a presença naquele espaço e naquele momento de quatro instituições que são o pilar da sociedade portuguesa: as Forças Armadas, o Município, como representante do poder local, a Igreja e a Liga dos Combatentes.

A Liga dos Combatentes é uma Instituição que preza os valores da paz e da cidadania e promove a história. Felicitou, mais uma vez, o Presidente do Núcleo pelo seu extraordinário trabalho, terminando a sua intervenção recitando o poema Evocação, de sua autoria, retirado do livro “Caminhos” de que é autor.

Por sua vez o Presidente da Autarquia Famalicense referiu que estávamos ali a homenagear aqueles que se bateram pela defesa da nossa Pátria, da nossa bandeira e dos nossos valores. Desejando que aquele lugar passasse a ser uma referência para as novas gerações, de molde a ficar bem vivo nas suas memó-



rias o nosso passado histórico. Elogiou a conjugação de esforços, existente entre a Junta de Freguesia e o Núcleo, considerando que o poder local tem sido exemplar no apoio, ainda que muitas vezes simbólico, aos combatentes, não sendo acompanhado, infelizmente, nesse desiderato por outros poderes.

Terminadas as intervenções entoou-se o Hino da Liga dos Combatentes a

que se seguiu a inauguração do Mural e o descerramento da Lápide.

Seguiu-se a visita às instalações do novo posto médico procedendo-se também à sua inauguração.

As cerimónias terminaram com um almoço de confraternização. As cerimónias militares foram prestadas por uma Força Militar da Escola Prática de Serviços. ■



Núcleo de Lamego fez anos

O Núcleo de Lamego da Liga dos Combatentes celebrou o seu 94º aniversário, no passado dia 15 de setembro, junto ao Monumento do Combatente, na Avenida Dr. Alfredo de Sousa. Presidiu ao ato o Coronel Lucas Hilário, Secretário-geral da Liga dos Combatentes. Participaram também o coronel Valdemar Lima Comandante do CTOE, coronel Aquilino Miranda e outros Militares e representantes das forças vivas. O evento contou com o habitual e nobre apoio do Comandante do CTOE sem o qual o brilho atingido seria substancialmente menor. Presente no local da cerimónia uma força militar, tendo sido também prestadas todas as honras Militares respeitantes à execução de tão sublime ato. No fim daquela etiqueta franqueou refeitório da sua Unidade para que mais de uma centena de combatentes e seus familiares tomassem ali um saboroso almoço que deliciou todos os convivas. Durante a cerimónia foi deposta uma coroa de flores no Monumento para honrar os combatentes.

Um tenente, combatente na Guiné e dois soldados em Angola, foram homenageados com a Medalha das Campanhas do Ultramar, e receberam um forte aplauso das centenas de pessoas que assistiam àquela consagração. O Presidente do Núcleo de Lamego da Liga dos Combatentes usou da palavra para agradecer aos presentes, dirigindo-se de forma especial ao Coronel Hilário e ao Coronel Correia, psicólogo com que tem partilhado a companhia de deslocação aos doentes pós-traumáticos, e são muitos, quer no núcleo quer nas freguesias e concelhos vizinhos. Obra meritória e de enorme valor.

Ao Coronel Lima que habitualmente dispensa toda a disponibilidade para apoiar, sem reservas o Núcleo de Lamego, um especial agradecimento. O mesmo sucedendo com as restantes entidades ali presentes. Agradeceu



também aos combatentes e familiares, que constituem a principal preocupação não só de lhes poder atribuir um melhor outono da vida, mas também a preocupação que o vem incomodando para conseguir um imóvel com mais fácil acesso, fato que expôs novamente ao Vice-presidente da Câmara Municipal. Para além de vir a melhorar o acesso dos sócios, sonha ainda com a fundação de um Museu do Combatente, para preservar os objetos já oferecidos e outros que estão à espera de ver criado museu para serem dignamente expostos e conservados que estão na iminência de se perderem e ou deteriorarem.

O Vice-presidente da Câmara Municipal de Lamego agradeceu a honra de ser convidado para assistir a tão significativa e louvável homenagem declarando que está e continuará à disposição do Núcleo de Lamego da Liga dos Combatentes, que pelo seu bem-fazer e pela sua solidariedade bem merece que se procurem resolver os problemas que mais os afligem. “Podem continuar a contar com a nossa inteira disponibilidade.”

O Coronel Hilário usou da palavra para se congratular por ter a honra de estar entre os Combatentes da região de La-

mego. Na sua intervenção, agradeceu também à Municipalidade, o reconhecimento dos Combatentes por Portugal, naturais e residentes no Concelho. Os magros euros que recebem não refletem o reconhecimento dos elevados sacrifícios vividos e, aos que regressaram, muitos com a saúde afetada, não foi, até hoje garantido o imprescindível apoio e o que têm recebem-no através da LC. Do pouco que recebem, ainda lhes é taxado o imposto de rendimento que atinge uns milhares de euros - disse. Num País onde tanto se propagandeia “o Social” para todos os cidadãos, porque razão não beneficiam todos os Combatentes, no mínimo, do Rendimento Social de Inserção e, tendo sido “um pouco mais cidadãos que muitos dos demais”, porque não beneficiarem de um subsídio igual ao “Rendimento Mínimo Nacional”, ainda que por redução do conferido àqueles que, trabalhando muito menos tempo, atingem posições de reforma plena.

No fim obteve uma grande ovação. Seguiu-se o almoço-convívio, no refeitório do CTOE. Parabéns a todos quantos tornaram possível aquele ato de louvor ao combatente e ao posterior convívio entre todos. 

General Joaquim Chito Rodrigues membro honorário da Academia de História Militar Terrestre do Brasil

No passado dia 26 de julho, na Universidade Lusófona, em Lisboa, organizada pelo Presidente da Delegação em Portugal da **Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHMTB)**, Dr. Rui Santos Vargas, decorreu uma sessão desta Academia dirigida pelo seu Presidente Dr. Israel Blasberg, expressamente vindo do Brasil para o efeito.

Após uma conferência elucidativa dos objetivos da Academia e alguns agradecimentos, o Dr. Israel Blasberg atribuiu ao General Joaquim Chito Rodrigues, presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes, o **Diploma de Membro Honorário da AHMTB**, colocando-lhe o Colar com as insígnias da mesma Instituição, como reconhecimento aos distintos serviços a ela prestados na preservação, pesquisa, culto, divulgação da História Militar Terrestre do Brasil e relevante trabalho em prol da amizade Brasil-Portugal e da memória dos antigos combatentes. 



Miguel Machado

António Sucena do Carmo

www.operacional.pt

No dia 3 de julho comemorou-se o cinquentenário da inauguração do monumento aos mortos em combate no Regimento de Paraquedistas, erigido em memória dos paraquedistas mortos em combate e, também, porque não dizê-lo, à glorificação dos combatentes ainda vivos.

A sua inauguração, há cinquenta anos, foi, provavelmente, um dos momentos mais significativos e emotivos da história das tropas paraquedistas portuguesas, conforme relatam testemunhos escritos, em artigos publicados. Impenente pela sua beleza e significado, o Monumento aos mortos em combate tornou-se num símbolo respeitado por todas as gerações de paraquedistas militares portugueses formados ao longo de mais de seis décadas. Impunha-se, por isso, este modesto registo.

Alguns dados históricos

O “Monumento aos mortos em combate” simboliza uma asa da aeronave de transporte militar Junker Ju-52/3m, e um militar paraquedista em “posição de aterragem” na chegada ao solo. O conjunto é fixado num pequeno lago, em cujo fundo tem desenhado um “mapa-múndi” colorido, onde se destacam as antigas possessões ultramarinas portuguesas, todas ligadas entre si com a Metrópole (Portugal). Na base do monumento a inscrição «Aqueles em quem poder não teve a morte» que perpétua a memória de todos os mortos em combate. O principal entusiasta e impulsionador, para a angariação de fundos e construção do monumento em todas as suas vertentes, foi o coronel paraquedista Mário de Brito Monteiro Robalo, à data, Comandante do Regimento de Caçadores Paraquedistas (RCP). Por motivos estritamente históricos, é justo realçar que os custos desta magnífica obra foram inteiramente suportados por doadores da socieda-



Cinquenta anos do monumento aos paraquedistas

de civil e empresarial portuguesa, e por contribuições generosas dos oficiais, sargentos e praças paraquedistas. Não houve, por isso, qualquer doação da Fazenda Nacional. O seu custo total orçou em: € 3.149,13. O autor do conjunto arquitetónico foi o arquiteto Aleixo Terra da Motta e a escultura é da autoria do Mestre Domingos Soares Branco que, nos anos sessenta, tinha o seu estúdio aberto na Rua Marquesa de Alorna, Nº 38 A e E, em Lisboa. A pintura e a decoração ficaram a cargo do professor Hernani de

Oliveira. Ao longo de cinco décadas, o monumento testemunhou, sempre, os momentos mais solenes da história das Tropas Paraquedistas Portuguesas.

Culto e homenagem

Volvidas algumas semanas após a inauguração solene do Monumento, o coronel paraquedista Mário de Brito Monteiro Robalo, Comandante do RCP, redige e manda publicar a Determinação de execução permanente Nº 01/1968. Este documento interno, pela sua im-

portância histórica, não podia deixar de ser aqui referido, pois o mesmo, pelas razões nele expressas, é responsável por incutir nos militares paraquedistas um culto que permanece até aos nossos dias, materializado na seguinte execução: – “Todo e qualquer militar sempre que passar pelo Monumento, far-lhe-á como sinal de respeito individual, a saudação militar – a continência”. – “Toda e qualquer força, ao cruzar o Monumento mandará, conforme os casos, olhar à direita ou à esquerda.”



Marinha Grande

Um Grupo de Combatentes da Localidade da Garcia, Marinha Grande teve a iniciativa de edificar um Monumento em Homenagem aos Combatentes que lutaram pela Pátria na Guerra do Ultramar. Assim e em estrita colaboração com a Junta de Freguesia da Marinha Grande, com a Câmara Municipal da Marinha Grande e com o Núcleo da Liga dos Combatentes desta Cidade a obra nasceu e foi inaugurada no dia 25 de Abril, num Parque Público reconstruído e assinalado num marco em Granito em Homenagem aos Combatentes. Nesta cerimónia muito participada pela População destacamos a presença da Presidente da Câmara Municipal da Marinha Grande, Cidália Ferreira, a Presidente da Junta da Freguesia da Marinha Grande, Isabel Freitas, representantes dos Comandantes do Regimento de Artilharia nº4, de Leiria e da Base Aérea nº 5 em Monte Real, o Comandante do Posto da GNR de S. Pedro de Muel, o Pároco da Freguesia da Marinha Grande, Armindo Ferreira e o Presidente do Núcleo da Liga dos Combatentes da Marinha Grande António Bizarro, e representações dos Núcleos da Liga dos Combatentes de Alcoaça, Caldas da Rainha, Leiria, Rio Maior e Marinha Grande, que organizou o evento. As Honras Militares foram prestadas por uma Força do Regimento de Artilharia nº 4.

Como reconhecimento público do esforço e sacrifício, alguns com a própria vida em defesa da Pátria, o Monumento em homenagem aos Combatentes de autoria do Artista Plástico Aquilino Ferreira foi descerrado em conjunto pelas Presidentes da Câmara e da Junta de Freguesia da Marinha Grande. Ato contínuo foi depositado pelo Presidente do Núcleo uma coroa de flores na base da pedra que suporta a Medalha, cópia gigante da Medalha Comemorativa das Campanhas. Após um minuto de silêncio, o Pároco benzeu o Monumento e proferiu uma alocução religiosa.

As intervenções alusivas ao ato foram



proferidas pelo representante do grupo impulsor do Monumento, Manuel Dias, pela Presidente da Junta da Freguesia da Marinha Grande, Isabel Freitas, pelo representante da Direção Central da Liga dos Combatentes, António Bizarro e pela Presidente da Câmara Municipal da Marinha Grande, Cidália Ferreira. Temas comuns dos discursos: A homenagem devida aos Combatentes materializada com a edificação do

Monumento; a enorme dificuldade em realizar esta obra e por fim o reconhecimento que só se conseguiu construir pela persistência e pela colaboração existente entre a Junta de Freguesia, Câmara Municipal e Núcleo da Liga dos Combatentes da Marinha Grande.

No final realizou-se um almoço de confraternização, onde foi notória a harmonia e amizade que se encontrou entre os Combatentes e as suas famílias. ☑

Estremoz

No dia 10 de julho de 2018, o Núcleo de Estremoz da Liga dos Combatentes, recebeu nas instalações do Espaço D. Nuno Álvares Pereira (Museu do Combatente), um grupo de meninas e meninos, acompanhados por duas educadoras, grupo este que integra as Atividades de Tempos Livres (ATL), do campo de férias organizado pela Câmara Municipal de Estremoz.

Durante cerca de duas horas e meia foi dado a conhecer a este jovem grupo, todo o material que neste momento compõe o referido espaço, onde puderam realizar também algumas atividades. No final foi servido um pequeno lanche a todos os intervenientes. ☑



Oliveira do Bairro

No passado dia 22 de março, no lugar de Horta, pertencente à União de Freguesias de Tamengos, Aguiçós e Óis do Bairro, do concelho de Anadia, foi inaugurado o Monumento em Homenagem aos Combatentes, que contou com a presença do Presidente da Liga dos Combatentes, General Chito Rodrigues e do 1.º Vogal Administrativo Tenente-coronel Pires Martins.

É de salientar que a iniciativa de construção deste monumento partiu de um grupo de combatentes daquela aldeia que, com o apoio e incentivo do Núcleo de Oliveira do Bairro da Liga dos Combatentes, decidiu assim prestar homenagem aos seus compatriotas, perpetuando a sua memória no lugar onde nasceram.

Trata-se de um monumento simples consubstanciado na imagem do mapa de Portugal Continental, considerando o facto de ter havido um conjunto significativo de cidadãos portugueses (mais de 20, tendo em conta o diminuto universo populacional considerado), oriundos de um lugar desconhecido, situado algures no Portugal profundo, que fo-



ram chamados a cumprir a sua missão de soberania, em terras do antigo Império Ultramarino, regressando sãos e salvos à sua terra de origem, no fim do

cumprimento desse dever patriótico. É seu autor o Arq.^º Eduardo Varandas, membro da Direção Central da Liga dos Combatentes. ☑

IX Aniversário do Núcleo da Lixa

No passado dia 23 de junho, o Núcleo da Lixa da Liga dos Combatentes assinalou o nono aniversário da sua fundação com a presença de uma delegação da Direção Central da LC, constituída pelo Presidente General Chito Rodrigues e pelos vogais TCor Pires Martins e Arq. Eduardo Varandas.

O programa tal como estava delineado iniciou-se com a celebração da Eucaristia, na Igreja Matriz da Lixa, em memória dos combatentes falecidos, celebrada pelo Padre Joaquim Carneiro. Durante a homilia o celebrante aludiu à figura de São João Batista, realçando a afinidade parental entre sua mãe Santa Isabel e Maria Mãe de Jesus.

Durante o ofertório num gesto carregado de grande simbolismo um grupo de antigos combatentes ofereceu ao altar alguns objetos que fizeram parte da sua vida militar, como um aerogra-

ma, camuflado, a boina, etc. Os cânticos litúrgicos estiveram a cargo do Coro do Núcleo da Liga, orientado pelo Maestro Sargento-Ajudante Moreira, que primou a sua atuação pela alta qualidade interpretativa, merecendo, por isso, no final da celebração, palavras elogiosas do Reverendo Joaquim Carneiro. A cerimónia religiosa terminou com a entoação do Hino da Liga.

Posteriormente, a partir da Igreja Matriz, os combatentes e suas famílias, as entidades convidadas e o público em geral, seguiram em cortejo até ao Monumento localizado na Praça Dr. José Joaquim Coimbra, integrando também várias associações locais, Grupo de Escuteiros de Santão, Núcleos da Liga (Matosinhos, Porto, Penafiel, Ribeirão, Marco de Canavezes e Vila Meã), acompanhados pelos acordes da Banda Musical da Lixa. No local do

Monumento foi descerrada uma lápide evocativa do centenário da Grande Guerra, tendo sido proferida, nesse ato simbólico, uma prece pelo Padre Joaquim Carneiro. De seguida usaram da palavra o Presidente do Núcleo aniversariante, o Presidente da LC e o Presidente da Edilidade Felgueirense.

O Presidente do Núcleo, Sr. José Lopes de Magalhães, referindo-se aos Combatentes, a dado passo da sua intervenção, disse que “somos o que vivemos e o que a nossa memória nos consente”, para terminar sugeriu ao Presidente da Câmara Municipal, ali presente, que a toponímia do lugar passasse, doravante, a ostentar o nome de Rua dos Combatentes do Ultramar.

O Presidente da Liga, General Chito Rodrigues, começou por felicitar o Presidente do Núcleo pelo trabalho realizado, realçando o caráter aparti-

dário da Instituição Liga dos Combatentes que se bate pela promoção da história, dos seus símbolos, honra aos seus mortos, a promoção dos valores superiores do País e a prática da solidariedade aos que mais precisam. A dado passo da sua alocução citou Fernando Pessoa que ao considerar o homem um ser complexo dizia que em cada português há muitos portugueses e também Miguel Torga para afirmar que Portugal é um pedaço de terra, pedaço de terra esse que tem sempre sido defendido pelos combatentes. Mais adiante frisou que não houve século da nossa história em que as Forças Armadas não fossem chamadas a defender Portugal, integradas pelos seus combatentes.

Terminou o seu improvisado referendo que a Liga dos Combatentes se irá bater pela revisão da Lei 3/2009 no sentido de ser reposta a equidade consagrada na Lei 9/2002 e pela mesma razão, diligenciará pela dignificação das pensões dos combatentes carenciados, para que sejam equiparadas ao salário mínimo nacional.

Por último o Presidente do Município,

Nuno Fonseca, aludindo à sugestão do primeiro interveniente, começou por referir que todos os detentores de cargos públicos devem assumir as suas responsabilidades, enaltecendo os combatentes que lutaram pelas suas terras e por Portugal e lançando também o repto para que as próximas cerimónias deste género sejam organizadas em conjunto com a Autarquia, uma vez que o aniversário da elevação da Lixa a cidade coincide com o dia do Núcleo.

Depois das aludidas intervenções procedeu-se à distribuição de diplomas a novos sócios no âmbito do Programa Passagem do Testemunho dos Avós aos Netos, à atribuição de medalhas comemorativas das campanhas a combatentes que fizeram as suas comissões de serviço em Moçambique, Guiné e Angola.

Seguidamente entoou-se o Hino da Liga, posto que se procedeu à deposição de coroas de flores, junto do Monumento e aos toques de silêncio, seguido de um minuto de silêncio, e de alvorada por um Terno de Clarins. Finalmente foi entoado o Hino Nacional pela Banda Musical da Lixa, acom-

panhada por todos os presentes.

Marcaram presença nesta cerimónia, para além dos elementos da Direção Central da LC, representantes dos Núcleos da LC e do Presidente do Executivo Municipal, já referenciados, várias entidades civis e militares do concelho de Felgueiras, designadamente, o Prof. Edgar Pinto representante da Assembleia Municipal, Vereadores, Comandante do Posto da GNR da Lixa, Comandante dos Bombeiros Voluntários da Lixa, Presidentes da União de Freguesias de Vila Cova da Lixa e Borba de Bodim, demais juntas de freguesia concelhias, Prof. Carlos Costa (autor do projeto do monumento), representante da Associação de Combatentes de Castelo de Paiva e representantes das Associações locais.

Terminadas as cerimónias protocolares teve lugar um almoço convívio, num restaurante na Freguesia de Trovoada.

As cerimónias militares de homenagem aos mortos foram prestadas por uma Força Militar do Regimento de Transmissões e pelo Terno de Clarins das Bandas e Fanfarras do Exército, que muito dignificaram a cerimónia. ■



Covilhã

Homenagem ao Combatente Ludgero Carapito Gomes, que tomou em combate no dia 20 de julho de 1970, na província da Guiné. O Núcleo da Covilhã e a União de Freguesias de Vale Formoso e Aldeia de Souto, levaram a efeito a homenagem do 48º aniversário da sua morte.

Foi um entre tantos, que caíram em nome da Pátria, e que se encontram em tantos locais espalhados por este país. Em boa hora nos lembramos desta homenagem e conseguimos juntar à sua volta o povo da sua terra.

A campa onde repousam os restos mortais do combatente foi recuperada em colaboração do Núcleo e da União de Freguesias.

Estiveram presentes várias entidades, foram efetuados toques militares e ainda proferidos discursos por parte do Reverendo Padre Carlos Lourenço (pároco da freguesia), pelo Presidente da União de Freguesias, Daniel Tavares, pelo irmão do Combatente e pelo representante do Núcleo da Liga dos Combatentes da Covilhã, João Mota. 



Nota de falecimento



Faleceu no passado dia 05 de julho, o Presidente de Honra do Núcleo de Penafiel da Liga dos Combatentes, Major Dr. Manuel Mário Ferraz da Veiga Ferreira, sócio Combatente desde 31/01/1972 com o n.º 50.690. Presidente do Núcleo de Penafiel da Liga dos Combatentes de 1996 até 2012, recebeu em 2013 o Diploma Testemunhos de Apreço (25 anos) e a Medalha de Ouro de Honra ao Mérito da Liga dos Combatentes. Em 2014 foi distinguido com a Medalha de Ouro da Cidade e Cidadão Honorário do Concelho de Penafiel. A Liga dos Combatentes apresenta à família enlutada os sentidos pêsames.



Faleceu no passado dia 22 de agosto, o Presidente de Honra do Núcleo de Estremoz da Liga dos Combatentes, Major-general António Francisco Martins Marquilha, sócio Combatente desde 01/02/1979 com o n.º 75.751. Militar de grande mérito desportivo na modalidade de esgrima, integrou em 1960 como atleta, a equipa portuguesa de esgrima nos Jogos Olímpicos em Roma. Em 1969 foi distinguido com a Medalha de Mérito Militar de 3ª classe e agraciado com o grau de cavaleiro da Ordem Militar de Avis. A Liga dos Combatentes apresenta à família enlutada os sentidos pêsames.

Vila Meã

VII Aniversário do Núcleo

No passado dia 15 de setembro, o Núcleo de Vila Meã da Liga dos Combatentes assinalou o sétimo aniversário da sua fundação com a presença do Arqt.º Eduardo Varandas, vogal da Direção Central da LC, em representação do Presidente General Joaquim Chito Rodrigues.

O programa teve início na Praça dos Combatentes, junto ao local onde se encontra erigido o Monumento de Homenagem em Memória dos que tombaram pela Pátria, com a intervenção do Presidente do Núcleo, Dr. Joaquim Magalhães, do Arqt.º Eduardo Varandas e do Presidente do Município de Amarante, Dr. José Luís Gaspar Jorge. Seguiu-se a deposição de uma coroa de flores na base do Memorial, no decorrer da qual foram executados os toques de silêncio e de alvorada pela Força Militar do RI13, presente no local.

Foram impostas medalhas comemorativas das Campanhas a alguns combatentes, tendo de seguida a Banda Filarmónica de São Martinho de Mancelos acompanhado um dos seus elementos que deu voz ao Hino da Liga. Esta cerimónia terminou com o Hino Nacional cantado pelo mesmo elemento, e interpretado também pela Banda Filarmónica, no que foi acompanhado por todos os presentes.

Posteriormente, na Igreja de Vila Meã, os combatentes e suas famílias, as entidades convidadas e o público em geral, participaram numa missa de sufrágio pelos Combatentes falecidos, celebrada pelo Padre António Jorge. Durante o ofertório foram, simbolicamente, oferecidos ao Altar um exemplar da bandeira nacional, um camuflado, um aerograma e uma Bíblia, como forma de evocar objetos com que os Combatentes lidaram no seu dia a dia. No final da celebração ouviu-se o toque de silêncio interpretado por um trompetista da Banda Musical, que pela sua qualidade interpretativa emocionou todos os participantes.

Marcaram presença nesta cerimónia,



para além do vogal da Direção Central da Liga dos Combatentes e do Presidente do Executivo Municipal, já referenciados, representações dos Núcleos da Liga dos Combatentes do Porto, Penafiel, Lixa e Marco de Canavezes, várias entidades civis do concelho de Amarante, designadamente, vereadores, o Presidente da Assembleia de Freguesia de Vila Meã, Comandante dos Bombeiros

Voluntários de Vila Meã, Presidentes das Freguesias de Vila Meã, São Mamede de Recezinhos e Mancelos, representante da Associação de Combatentes de Castelo de Paiva (ACUP), da 15ª Companhia de Comandos e representantes das Associações locais.

Terminadas as cerimónias protocolares teve lugar um almoço convívio, num restaurante na Freguesia de Trovoada. 

Guarda

Em 15 de Setembro de 2018 realizaram-se as comemorações do 94.º aniversário do Núcleo da Guarda. As comemorações tiveram início na sede do Núcleo, com a cerimónia do hastear da Bandeira Nacional, à qual se seguiu a celebração de uma eucaristia na Igreja de S. Vicente em sufrágio pelos combatentes, presidida pelo Bispo da Guarda, D. Manuel da Rocha Felício, seguindo-se a inauguração do Monumento aos Combatentes da Guarda que lutaram no Ultramar, após a qual se efetuou a abertura da Exposição “A História da Liga dos Combatentes”, patente na Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço de 15 a 29 de setembro. No âmbito das comemorações foi inaugurado pela CM da Guarda e pela Liga dos Combatentes, o Monumento de Homenagem aos Combatentes no Ultramar do concelho da Guarda.

Entre outras entidades, estiveram presentes na inauguração o Secretário de Estado da Defesa Nacional, Dr. Marcos Perestrello, o Presidente da CM da Guarda, Dr. Álvaro dos Santos Amaro, o Presidente da Liga dos Combatentes, General Chito Rodrigues, o Ex-Chefe de Estado-maior das Forças Armadas, General Pina Monteiro e o Bispo da Guarda, D. Manuel da Rocha Felício, assim como outras entidades civis e militares da região. Durante a Cerimónia tomaram a palavra o presidente do Núcleo, Tenente-coronel João Ferreira, o Presidente da Liga dos Combatentes, o Presidente da CM e o Secretário de Estado da Defesa Nacional.

Após a inauguração teve lugar a cerimónia de homenagem aos mortos, onde foram evocados 3 militares dos três ramos das Forças Armadas que tombaram nos Teatros de Operações de Angola, Guiné e Moçambique. No final realizou-se a Cerimónia de Imposição de Condecorações e entrega de um Diploma de “Passagem de Testemunho dos Avós aos Netos” ao sócio mais novo do Núcleo, com apenas 13 meses de idade.



O monumento aos combatentes do Ultramar, da autoria do Arquiteto António Saraiva, é composto por um conjunto de formas muito simples, mas com forte significado.

Foi erguido num local nobre da cidade, no miradouro da Avenida dos Bombeiros Egitanenses, e pretende homenagear todos os combatentes do

concelho da Guarda que lutaram no ultramar e que tombaram nos teatros de guerra, bem como aqueles que regressaram ao território nacional são e salvos ou fisicamente condicionados.

As comemorações culminaram com a realização de um almoço convívio, que teve lugar no Café Concerto do Teatro Municipal da Guarda. 🇵🇹

Braga

Realizou-se em Oleiros, concelho de Guimarães, no passado dia 09 de setembro, uma significativa Homenagem aos Combatentes naturais daquela localidade, promovida pela autarquia local, com a colaboração do Núcleo de Braga da Liga dos Combatentes.

As cerimónias tiveram início com uma celebração religiosa na Igreja de Oleiros, com Missa de sufrágio pelos combatentes falecidos, tendo sido celebrante o Reverendíssimo Padre José Matos. A homilia alusiva à efeméride prendeu a atenção dos convidados e associados presentes e tocou bem fundo o caráter marcadamente elogioso para os combatentes de todas as épocas, cuja memória deve ser sempre recordada pelos vindouros com admiração e saudade.

O cortejo até ao local da cerimónia contou com um elevado número de combatentes, familiares e outros, entidades civis e militares, entre elas, o Vereador da CM de Guimarães, Arquiteto Fernando Seara de Sá, em representação do Presidente, o Presidente do Núcleo de Braga da Liga dos Combatentes, Cor. de Cavalaria João Paulo Amado Vareta, o Chefe da Secção de Pessoal do Regimento de Cavalaria Nº 6, Maj. de Cavalaria Américo Pereira, em representação do Comandante, o Presidente da UF de Leitões, Oleiros e Figueiredo, João Carlos Alves e restantes elementos da Direção do Núcleo.

Usou da palavra o Presidente da UF de Leitões, Oleiros e Figueiredo, o Vereador da CM de Guimarães e por último o Presidente do Núcleo de Braga.

Todos os oradores realçaram que a Inauguração do Monumento é um reconhecimento justo e merecido a todos os Combatentes que lutaram e tombaram em Defesa da Pátria.

No final do discurso do Presidente da União de Freguesias, o Secretário da União de Freguesias, Sargento-ajudante reformado, Claudino Soares Campos (sócio da Liga dos Combatentes) fez uma descrição do modo como o Monumento foi edificado e o seu simbolismo: assim, a base elevada e quadrada



podemos dizer, os quatro cantos do mundo onde os portugueses rasgaram Mar e Terra; na base quadrada direita a placa de inauguração e idealização do Monumento pela artista plástica, Mestre Quitéria Soares; na coluna estilizada pode ver-se também o Homem Militar e a Mulher Mãe onde na parte traseira da esfera, os ferros emaranhados simbolizam o cabelo das Mães e Esposas; na coluna da frente está afixado o símbolo da nobre e honrosa, Liga dos Combatentes e o Brasão de Oleiros; na coluna da parte esquerda temos um poema de Rosa Lobato Faria, dedicado à Mãe e à Esposa que sofreu com a partida dos filhos e maridos para a guerra. A esfera significa o Mundo por onde os Portugueses partiram nos descobrimentos, nas guerras e na emigração e está concretizada nela uma obra de ferro forjado onde são visíveis as cinco quinas e as chagas de cristo da Bandeira, símbolo da nossa Pátria.

Após a inauguração, procedeu-se à bênção do Monumento, pelo Reverendíssimo Padre José Matos.

As honras militares foram prestadas por uma secção do Regimento de Cavalaria Nº 6, em Homenagem aos Combatentes mortos em combate, com a deposição de duas coroas de flores junto do Monumento. Em ambiente de respeito e de recolhimento, o Reverendíssimo Padre José Matos proferiu uma prece, na qual manifestou um profundo reconhecimento aos combatentes que devem ser recordados com orgulho e saudade e, finalmente, depois de um pequeno período de profundo silêncio, o Toque de Alvorada.

Após a apresentação do Hino da Liga dos Combatentes ouviram-se manifestações de muito apreço pela forma como decorreu a cerimónia, o que constitui sempre um forte incentivo para continuar a trabalhar cada vez mais arduamente em prol dos Combatentes. 🇵🇹



COMPANHIA DE ENGENHARIA 842 - João J. M. Pintassilgo, sócio nº 122.664, divulga que no passado dia 05 de maio, realizou-se um encontro de confraternização da Companhia de Engenharia 842 que atuou no norte de Angola de 1965 a 1967. O almoço de convívio ocorreu no Cartaxo, foi organizado este ano pelo Fernando Rebelo, decorreu com muita alegria e com a presença dos familiares. Contacto: jjpintassilgo@gmail.com



CART 2479 e CART 11 - Francisco Custódio Oliveira Marques, sócio nº 168.489, divulga que no passado dia 26 de maio 2018, na localidade da Nazaré, teve lugar o tradicional Almoço-convívio, que anualmente reúne os militares das Companhias de Artilharia 2479 e 11, bem como muitos familiares, para em conjunto avivar memórias dos tempos passados no ultramar, na província da Guiné.



COMPANHIA DE CAÇADORES 2504 - José Aguiar, sócio nº 123.721 divulga que se realizou o 26º Encontro de confraternização da CCaç2504 (Angola-1969/1971) no passado dia 05 de maio nas Caldas da Rainha. Para o próximo ano, o evento será na zona entre Monte Real e Figueira da Foz, com local a confirmar, esperando podermos manter, durante muitos anos, este momento de confraternização. Contactos: José Aguiar: 914 029 238



COMPANHIA DE CAÇADORES 3386 - Manuel Batista, sócio nº 138.909, divulga que o encontro anual da CCaç3386 – Batalhão 3848 que cumpriu serviço militar em Angola (Nambuangongo, Luanda e Pereira d'Eça de 1971 a 1973) teve lugar em Monte Real, no passado dia 26 maio 2018. Contactos: Furriel Manuel Batista 965 283 884; Furriel Manuel Macedo Gonçalves 966 047 130.



PELOTAO DE APOIO DIRETO 2182/2183 E 2184 - José Ernesto Freitas Lage, sócio nº 88.305, informa que decorreu no passado dia 25 de abril, no Entroncamento/Regimento de Manutenção o Almoço-convívio de combatentes do Pelotão de Apoio Direto 2182/2183/2184, do Serviço de Material, que cumpriu serviço em Angola no período de 1969/1972.



BATALHAO DE ARTILHARIA 2846 - Mário A. Peniche, sócio nº 170.083, divulga que o Almoço-convívio do Batalhão de Artilharia 2846 (CArt2369/70/71), realizou-se no passado dia 20 de maio na cidade de Leiria para a comemoração dos 50 anos do embarque para Moçambique (Mueda), e onde estiveram presentes cerca de 300 pessoas. Contacto: mario-peniche@hotmail.com



COMPANHIA DE CAÇADORES 2336 - Guilherme Mendes Pereira, sócio nº 90.314 informa que os combatentes e familiares da CCaç 2336 "Os Falcões", que serviram a Pátria em Angola "Coma" 1968/1970, realizaram o seu 38º convívio no dia 26 de maio de 2018 em Vizela. O próximo encontro será em maio de 2019, em Famalicão.



COMPANHIA DE ARTILHARIA 3374 - Rolando Henrique Ventura Costa, sócio Nº 90.759 divulga o Encontro-convívio, comemorativo do 47º aniversário da Companhia de Artilharia 3374 "Centuriões – Honra e Glória", formada no RAL 3, em Évora, que serviu Portugal em Angola, no período de 1971 a 1973. O encontro realizou-se no passado dia 09 de junho de 2018, no Parque das Nações, em Lisboa.



COMPANHIA DE ARTILHARIA 2786 - O Encontro anual dos Combatentes da CArt2786 (Niassa/Cabora Bassa, Moçambique) realizou-se no passado dia 9 de junho, no Funchal, cidade da formação da Companhia. Reunião bastante participada, com elementos residentes da Madeira e Combatentes que viajaram expressamente do Continente. Juntaram-se numerosos familiares e ficou agendado o próximo Encontro para 2019 em Coimbra.



12ª CCEVT - João Augusto Morais Ferreira, sócio nº 149.399, comunica que o Almoço-convívio da 12ª CCEvt. "A Pacaça" (1961-1963, Nova Lisboa, Angola) realizou-se no passado dia 26 de maio de 2018. Contacto: 916 538 185.



COMPANHIA DE CAÇADORES 2505 - João Merca, sócio nº 149.245 divulga o Almoço-convívio dos Combatentes, familiares e amigos da Companhia de Caçadores 2505, Companhia Operacional do Batalhão de Caçadores 2872, que serviu em Angola nos anos 1969/1971, que decorreu no dia 05 de maio, em Pombal. Contacto: João Merca 919 099 182.



4ª COMPANHIA DE CAÇADORES 284 - José Coelho Ganilho Henriques, Sócio nº 84.338 divulga que se realizou no passado dia 16 de junho o Almoço-convívio da 4ª CCaç284 que no período de 19/08/1961 a 25/12/1963 esteve na Zona norte de Angola, (Noqui-Lufico-Mepozo)

Outros Convívios em: www.facebook.com/ligadoscombatentes.oficial/

Tertúlias “Fim do Império”

Messe de Oficiais na Batalha Porto

206ª Sessão, realizada no Porto, na Mesa de Oficiais da Batalha, em 10 de maio de 2018.

Apresentação do Livro “O Padre de Savimbi”, do Padre Araújo Oliveira, pelo Gen. Chito Rodrigues, através da leitura de um texto da sua autoria, efetuado pelo Cor. Glória Belchior, Presidente do Núcleo do Porto da LC, que igualmente abriu a Sessão. Seguiram-se as intervenções da Editora, Dr.ª Zita Seabra, do Autor, do moderador da Sessão e de vários elementos presentes à mesma e que foi encerrada pelo Representante do Gen. Ajud. General do Exército, tendo a Sessão contado com 64 presenças. 📌



Livraria-Galeria Municipal Verney Oeiras

207ª Sessão, realizada em Oeiras, na Livraria – Galeria Municipal Verney, em 15 de maio de 2018.

Apresentação do 34º Livro da Coleção Literária “Fim do Império”, “Moçambique, Guerra e Descolonização 1964 – 1975”, do Cor Amaro Bernardo, pelo TGen. Júlio Oliveira.

O Presidente do Núcleo de Oeiras/Cascais, Superintendente Isaiás Teles, abriu a Sessão e apresentou o Autor.

Seguiram-se as intervenções do Editor Dr. Baptista Lopes do Moderador da Sessão,



Cor. Montez, que leu uma mensagem do Presidente da Liga dos Combatentes, TGen. Chito Rodrigues, do Autor e de vários assis-

tentes, alguns de forma vibrante como a do MGen. PILAV Jorge Cardoso.

A Sessão contou com 54 presenças. 📌

Biblioteca Municipal Vila Franca de Xira

208ª Sessão, realizada em Vila Franca de Xira, na Biblioteca Municipal, em 23 de maio de 2018, assinalando o Centenário da Batalha de La Liz.

Após a abertura da Sessão pelo Presidente do Núcleo da LC de Vila Franca de Xira, Armindo de Santos Silva, seguiram-se as intervenções do Superintendente Isaiás Teles, Presidente do Núcleo de Oeiras/Cascais da LC, que apresentou a



referida coleção e do Coord. do Programa “FI”, Cor. Montez, sobre a Batalha de Liz, tendo-se seguido as intervenções de

alguns dos presentes à Sessão, que foi encerrada pelo Presidente do Núcleo de Vila Franca de Xira. 📌

Palácio da Independência Lisboa

209ª Sessão, realizada em Lisboa, no Salão Nobre do Palácio da Independência, em 28 de maio de 2018.

Apresentação do 33º Livro da Coleção Literária “FI” “A Força Aérea Portuguesa no Fim do Império”, coordenação dos TGen PILAV Jesus Bispo e Vizela Cardoso e do MGen PILAV. Ricardo Cubas. A Sessão foi aberta pelo Presidente da CPHM TGen Sousa Pinto, seguindo-se a intervenção do Dr. Baptista Lopes, da Âncora Editora e a apresentação da obra, pelo General PILAV Aleixo Corval e dos autores coordenadores da mesma. Após algumas intervenções de assistentes, seguiu-se a



do Presidente da Liga dos Combatentes TGen Chito Rodrigues, que leu dois poemas seus de homenagem e recorda-

ção de pilotos e aeronaves. A Sessão foi encerrada pelo TGen Sousa Pinto, tendo contado com 78 presenças. 📌

Feira do Livro Lisboa

210ª Sessão, realizada em Lisboa, na Feira do Livro, em 12 de junho de 2018.

Apresentados os Livros “Monumentos aos Combatentes da Grande Guerra e do Ultramar” Ed. da Liga dos Combatentes, “A Força Aérea no Fim do Império” e “Moçambique, Guerra e Descolonização – 1964 – 1975”, respetivamente pelos TGen. Chito Rodrigues, MGen. PILAV Ricardo Cubas e Cor. Amaro Bernardo, tendo-se seguido as intervenções de alguns dos presentes. A Sessão foi encerrada pelo Dr. Baptista Lopes Editor da Âncora. Ed., e contou com 23 presenças. 📌



LIGA SOLIDÁRIA

Um euro...
...um lar

Revelou-se um êxito a campanha «Um Euro, Um Lar» que a Liga dos Combatentes lançou, para angariar fundos que ajudassem a construir a Residência São Nuno de Santa Maria, em Estremoz e transformar o Lar dos Filhos dos Combatentes em Complexo Social Nossa Senhora da Paz, no Porto.

Continuamos a aguardar os vossos contributos para a sua manutenção e funcionamento e apoio de carácter social a antigos combatentes e famílias.

Contamos consigo





buraco deles e a especulação, em voz baixa, correu feia, até que o cabo encarregue de ir ver o que se passava, chegou-se ao furriel Torres e contou a história.

No momento, ninguém achou graça, mas, passadas umas horas, era motivo de conversa e chacota. Na primeira «batalha» contra o inimigo, tivéramos duas baixas: um tiro no pé e um enorme galo na cabeça, que o alferes médico da unidade sentenciou ser passageiro, não sem antes fazer os exames de rotina às faculdades do Vieira. Tudo em ordem, era só massajar com a garrafa de Cuca bem fresquinha antes de a beber. E o Vieira estava com sorte, porque o nosso frigorífico a petróleo era um luxo que nunca nos deixou ficar mal.

Foi então que, com o silêncio da noite outra vez a abater-se sobre tudo e todos, começou a ouvir-se um zumbido vindo dos lados da enorme sanzala lá em baixo e o pessoal voltou a apertar as armas contra o peito e a perscrutar

a distância que os olhos permitiam. Por entre o capim alto e o palmeiral que bordejava o caminho para a unidade, umas luzinhas fracas, tremelicavam e deixavam-se ver, em movimento, de vez em quando. Como ninguém sabia o que era, o alferes Matos, que estava de oficial de dia, mandou manobrar o jipão que tinha montada a metralhadora pesada, na direção das luzinhas e deu ordens ao atirador para que só abrisse fogo, ao seu comando.

Nova espera, um, dois, três minutos e eis que começou a desenhar-se, no negrume da noite, a silhueta de um Jeep e um Unimog, ambos carregados de soldados do pelotão de reconhecimento que habitualmente dormia na sanzala, em proteção aos moradores e à própria periferia do quartel, instaladô na antiga missão católica, abandonada pelos religiosos e ocupada mais tarde, pelos militares. Entraram, como que receosos, na unidade, de armas apon-

tadas para fora e com cara de poucos amigos. Na frente, ao lado do condutor e de pé em cima do banco, o furriel Armando olhava em todas as direções, à procura de onde assentar o primeiro tiro.

Saiu-lhe ao caminho o alferes de serviço mas ninguém conseguia explicar o sucedido. O pessoal da unidade, tinha respondido a um «ataque», mas não avistara inimigo nenhum. O furriel Armando, arrancado da cama às pressas, reuniu uma dezena de homens e rumou para a missão em socorro dos camaradas que estavam a ser «atacados». Também ele não sabia dizer o que se passava. Sorte de todos, foi o Armando e os seus homens terem vindo de carro porque, se tivessem decidido subir o morro a pé, na noite escura, teriam sido confundidos com o inimigo e teria havido mortos, de certeza.

Bom, sem inimigo visível, não há guerra e o comandante deu ordens para que todos fossem dormir. Alivia-

dos uns, frustrados, outros, os homens voltaram àquela estranha passagem de modelos de botas e cuecas, e de arma na mão, regressaram à caserna, onde ninguém dormiu, a comentar esta noite de véspera de Natal.

Mas havia que apurar o que se tinha passado, para se elaborar um relatório, mais não fosse, para justificar o gasto inusitado de munições. De petromax na mão e acolitado pelo oficial de dia e mais o furriel Armando, o comandante trotou para os lados da cozinha, onde estava de sentinela o Lameiras. Falavam em voz alta, pelo que o cabo do rancho reconheceu as vozes e nem foi preciso trocar o santo e senha, até porque poderia ser embaraçoso, uma vez que o comandante não a sabia.

O Lameiras, que era um sujeito trigueiro, estava lívido, o que o fazia parecer um desenterrado à luz estranha do petromax.

«Estavam ali, capitão, eu vi, matei uns quantos, de certeza»

Banhado em suor, o Lameiras apertou os olhitos e apontou para o escuro: «Estavam ali, capitão, eu vi, matei uns quantos, de certeza». Todos se olharam em silêncio, até que o alferes oficial de dia sentenciou: «haverá feridos? Mando ver meu capitão?» À cautela, o comandante decidiu que só lá iriam quando se fizesse dia. Os homens retiraram-se para a parada, onde era preciso verificar se estava tudo calmo e, ao mesmo tempo alerta. Foi quando o Lameiras se foi abaixo nas canetas e sentou-se pesadamente no chão. Com o braço forte limpou o suor da cara, trocou o carregador da arma por um cheio e aguardou, ofegante, pelos vinte minutos que faltavam para ser substituído. Duas cucas seguidas, selaram o momento dramático do batismo de fogo do nosso cabo cozinheiro. Quem diria que o primeiro a entrar em combate, seria o Lameiras? Logo ele que era muito melhor com os tachos do que com a FN que repousava relaxa-

damente à cabeceira da cama, sem esperança de dar um tiro.

Quem ficou muito incomodado com tudo isto, foi o Fred, um pastor alemão enorme que o comandante fez embarcar em Lisboa e que fazia a sua primeira comissão de serviço. Não tirava os olhos do mato em frente à cozinha e rosnava baixinho. Com esta atitude do amigo, que conquistara com succulentos pedaços de carne, atirados à sorrelfa, quando o comandante não estava a ver, mais o Lameiras se convenceu que os inimigos deveriam ter sido muitos e que, se calhar, ainda não tinham ido embora. Não se «descuidou» mais em toda a noite, nem pregou olho e, nessa manhã, o mata bicho foi mais tarde.

O sargento cometeiro não se atreveu a puxar do instrumento, tão nervoso que ainda estava. Todos olhavam o Lameiras, o nosso herói, e comentavam os acontecimentos em voz baixa. Faltava ir ver os mortos e, eventualmente, os feridos.

Ninguém sabia era que o oficial de dia e o furriel Torres, acompanhados pelo pastor alemão do comandante, já tinham dado a volta ao arame farpado. Onde se depararam com um cenário de guerra, mas sem feridos e apenas com um morto, traçado ao meio por uma rajada do Lameiras. Pararam junto do corpo, olharam em redor e viram muitas estacas do arame farpado destruídas a tiro. Capim cortado, como se fosse à faca, uma mangueira descascada à força de balas e aquele corpo carregado de chumbo. O Fred cheirava e voltava a cheirar, avançada e recuava aos impulsos. Está aqui o inimigo, garantiu o Torres. Esta hiena deve pesar para aí uns sessenta quilos.

Escusado será dizer que, quando a notícia se espalhou, o Lameiras nem queria acreditar: «eu vi os gajos – garantia – faziam uma barulheira no arame farpado, eu vi». Ninguém contestou o cabo cozinheiro, que teve de tomar o seu primeiro comprimido de toda uma vida, dado pelo médico da unidade.

Tratava-se do famoso LM, uma pastilha produzida pelas Forças Armadas e que servia para tudo e para nada. Ao que parece, um antipirético com um poder sugestivo enorme. Qualquer

Foi o nervosismo do Lameiras, e as prédicas do comandante, que levaram o Lameiras, na véspera de Natal, a ver «turras»...

má disposição, febre, dores nas costas, etc., etc, pimba, LM e era canja.

Contando a história como ela deve ser contada, o pessoal tinha pendurado no arame farpado, uma série de latinhadas de leite com chocolate vazias, claro, que faziam parte da ração de combate. Dentro, puseram meia dúzia de pedrinhas. Se alguém mexesse no arame farpado, as latinhadas balançavam e faziam barulho.

Para quem fazia o chamado reforço, ou sentinela, naquele lugar, era comum sentir a presença das hienas que, pela madrugada, iam ao cheiro dos restos da janta do pessoal e, muitas vezes, tinham sorte. Foi o nervosismo do Lameiras, e as prédicas do comandante, que levaram o Lameiras, na véspera de Natal, a ver «turras», onde só havia uma hiena esfomeada e incauta que, afocinhando no arame farpado, despertou a vigilância do nosso cabo cozinheiro que, seguindo as recomendações do capitão, não esperou que os «turras» entrassem no quartel e tratou de os varrer à rajada. A hiena, causadora desta guerra, teve a sorte que estava reservada a quem se pusesse na frente da arma do Lameiras, que ainda hoje não deve ter percebido como se meteu naquela aventura, logo ele, o cabo cozinheiro.

Para além do susto, a coisa até serviu para atestar a prontidão dos homens e a apreciação foi positiva. Não foi mau, dispersámos o «inimigo», matámos uma hiena e a coisa saldou por um tiro no pé dado pelo oficial da secretaria e um tremendo galo na testa do furriel Vieira, que durante um par de dias, foi motivo de conversa e risinhos do pessoal. ☐

Residência São Nuno de Santa Maria

Visita ao Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos

Cumprindo o Plano de Atividades Anual, a Residência São Nuno de Santa Maria promoveu mais um contacto dos nossos idosos com a comunidade e cultura da região, desta vez realizou-se uma visita ao Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos, no dia 11 de abril. Segundo investigadores a produção do tapete de Arraiolos remonta ao séc. XVI e ocupa um lugar de destaque entre as artes em Portugal, de expressão artesanal e artística. Para muitos dos nossos Residentes, nomeadamente as mulheres, o ponto de Arraiolos é-lhes familiar, uma vez que os bordados faziam parte da sua formação feminina e neste sentido o passeio veio traduzir-se num reviver do passado mais ou menos longínquo. 📍



Visita ao Centro Interpretativo do Mundo Rural

Realizou-se no dia 13 de abril uma visita ao Centro Interpretativo do Mundo Rural, localizado no Vimieiro. Este Centro é um projeto museológico da Câmara Municipal de Arraiolos que se pretende constituir como memória do mundo rural alentejano entre as últimas décadas do século XIX e meados do século XX, época de injustiças, pobreza e dura labuta para a grande maioria da população.

A divisão dos diferentes trabalhos e das épocas do ano em que eram realizados, bem como as festas, romarias e costumes tradicionais foram o mote



para relembrar esses tempos e difundi-los pelas gerações mais novas. Esta visita foi um regresso ao passado muito

salutar, que está ainda muito presente nas memórias dos utentes da Residência de São Nuno de Santa Maria. 📍

O "Sunset" na Residência

Realizou-se no dia 3 de agosto uma festa que reuniu utentes e família. Iniciou-se com o convívio à volta da mesa e terminou com uma atuação da Banda Filarmónica de Veiros.

A Residência tem desenvolvido estas atividades, em virtude de serem momentos de grande importância para manter o equilíbrio emocional do idoso, pois desde sempre a gastronomia e a música têm sido elementos promotores de interação.

A festa prolongou-se até ao entardecer e foi do agrado de todos, pois o repertório musical era variado e atual deixando novos e menos novos, alegres e bem-dispostos. 📍





Museu do Combatente

Av. Brasília (junto à Torre de Belém)

Capacetes Azuis Exposição Temporária



Está patente no Museu do Combatente uma exposição temporária sobre os 70 anos da ONU e Operações de Paz desde a primeira em 1948 até às atuais. Pode ver-se também uma mostra do BTm4, ONUMOZ, que foi o primeiro contingente nacional a participar nas operações de Paz e Humanitárias na ONU.

Esta exposição, cedida pelo Exército e coordenada pelo General Miguel Leitão, que na altura serviu no Batalhão como Tenente-coronel chegando também a ser seu comandante, com o apoio do Gabinete de Relações Públicas do Chefe do Estado-maior do Exército, mostra ao pormenor os detalhes desta operação.



A Trincheira

De um realismo dramático, hiper-realista, em 3 dimensões com manequins em tamanho natural, efeitos de luz e som, a vida do soldado português na Flandres, as saudades de casa, as conversas em momentos de descanso e até naqueles em que a realidade envolvente impossibilitava conciliar o sono pelos rebentamentos sucessivos, os ataques de pânico, os feridos, o sair do abrigo provisório da trincheira para o combate corpo-a-corpo.

Eventos no Forte



O Museu do Combatente, no Forte do Bom Sucesso, tem sido escolhido para a realização de vários eventos, nomeadamente de confraternização de grupos sociais e empresariais e outros de cariz mais privado, como foi o caso dos noivos que escolheram o Forte do Bom Sucesso para celebrarem o seu casamento neste espaço nobre, junto à Torre de Belém.

Tome nota



História da aviação do séc. XX

Cerca de 500 modelos em escala, desde o dos irmãos Wright até aos atuais drones, passando por todos os aviões da II Guerra Mundial e das grandes batalhas aéreas.



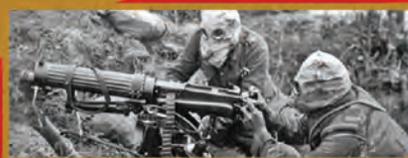
À venda : Café do Forte
Museu do Combatente - Belém
encomendas : Café do Forte e 92899729

Aberto todos os dias, incluindo fins de semana e feriados.

Das 10H00 às 18H00
Contacto: 919 903 210

Bilhetes:
4€ (adultos)

3€ (crianças a partir dos 5 anos, reformados e grupos)
grátis (para sócios da Liga dos Combatentes)



GRANDE GUERRA (WWI) 1914—1918



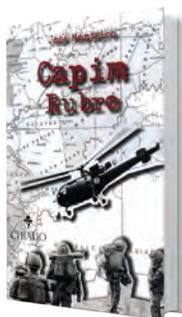
De La Lys ao Armistício

(9 DE ABRIL) (11 DE NOVEMBRO)



EXPOSIÇÃO / EXHIBITION

Sugestões de leitura



Capim Rubro

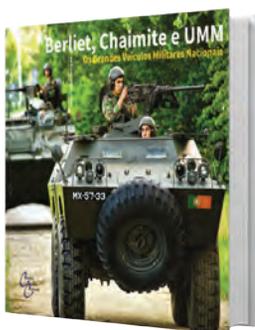
Autor: José Monteiro
Editora: Chiado Books
1ª Edição: abril de 2018



O Meu Diário de Campanha

Um testemunho inédito sobre a participação portuguesa na I Guerra Mundial

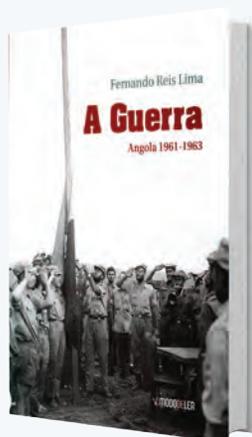
Autor: Fernando de Castro
Editora: Arquivo dos Diários
1ª Edição: outubro de 2017



Berliet, Chaimite e UMM

Os grandes Veículos Militares Nacionais

Autor: Pedro Manuel Monteiro
Editora: Contra a Corrente
1ª Edição: abril de 2018



A Guerra - Angola 1961-1963

Autor: Fernando Reis Lima
Editora: Mododeler

(...) A filosofia reflecte sobre a guerra e equaciona-a com a política, desde Heraclito e da sua famosa frase: «A guerra é a origem de todas as coisas e de todas é soberana. A uns, apresenta-os como deuses, e a outros, como homens; de uns, faz ela escravos, e de outros, livres.»

“Caro Amigo Fernando Reis Lima Já tive tempo para ler e meditar o seu «A Guerra». Meditar sobre a realidade das fotografias e das suas memórias, sobre a dificuldade de as pessoas entenderem o que foi o passado e de como é complexa uma vivência que não cabe, de todo, nos estereótipos da “guerra colonial”, da “opressão dos povos pelo regime” ou, no extremo oposto, da “barbárie dos turras”, da defesa do “país multicontinental e multirracial”, etc. Acho que o seu relato, enxuto, sem sentimentalismos nem rancores ou tentativas de reescrever a história, constitui um muito bom contributo para a necessária tarefa de enfrentar sem complexos (de culpa ou de superioridade) o que foi e como se desenvolveu «A Guerra». Parabéns, pois; foi mais um serviço prestado ao Exército, que é como quem diz aos portugueses, tantos, que cumpriram o seu dever. Abraça-o com muito afecto o Walter Osswald e a Domingas junta-se aos meus sentimentos.

18 de Março de 2015”

(Walter Osswald, Professor aposentado da Faculdade de Medicina do Porto)

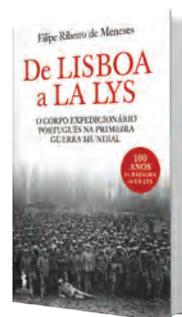
À venda na Liga dos Combatentes pelo valor de 12,00€ + Portes de envio



Diário de Campanha

General Fernando Tamagnini Comandante do CEP

Autores: João Vieira Borges
Isabel Pestana Marques e Eurico Gomes
Edição: Comissão Portuguesa de História Militar
1ª Edição: fevereiro de 2018



De Lisboa a La Lys

O Corpo Expedicionário Português na Primeira Guerra Mundial

Autor: Filipe Ribeiro de Meneses
Editora: D. Quixote
1ª Edição: março de 2018



O Cantinho do Psicólogo

Cento e Vinte e Sete no Cravo

Autor: Aurélio Pamplona
Paginação: Luís Pamplona
Apoio: Jornal da Praia
1ª Edição: Praia da Vitória, 2018

Stannah MINI

Scooter desmontável para levar no carro

Farto de estar preso em casa porque tem dificuldades em andar?

Mude a sua rotina e volte a ser feliz novamente. Com as scooters de mobilidade eléctricas poderá sair sempre que quiser, para ir às compras, ao café, passear e visitar os seus familiares ou amigos, não terá de depender ninguém para o fazer.



ATÉ **-50%**

Scooters de Mobilidade Pequeno Porte

Stannah LINE SOFIA

Elevadores de escadas interiores retos

Suba e desça as escadas sem qualquer esforço
Elimina o risco de queda nas escadas
Muito fácil de utilizar
Fixados diretamente às escadas,
sem obras!

Os nossos técnicos especializados instalam o elevador de escadas em **menos de 1 dia!***

*Previsão baseada numa instalação em condições normais



A solução perfeita para subir e descer escadas!

ATÉ **-50%**

Campanha de desconto de 50% em elevadores de escadas limitada ao modelo LINE SOFIA e LINE SOLUS.

APROVEITE JÁ ESTAS PROMOÇÕES!

Limitado ao stock existente

Ligue já:
808 918 388

custo da chamada local

POUPE ATÉ
50%

ESPECIAL DESCONTOS

Stannah

GRÁTIS

- ★ Avaliação de mobilidade
- ★ Guia de soluções de mobilidade
- ★ Demonstrações junto de si

-15%

INSTALAÇÃO NUM DIA*

Elevadores de Escadas Curvos

Solução para escadas curvas

Plataformas Elevatórias

Retas ou curvas,
no interior ou exterior,
solução para todos

O estudo das suas escadas é **gratuito** e sem compromisso!



Apesar de compacta, a sua construção é extremamente robusta, garantindo a longa e fiável duração e performance.

Cadeiras de rodas eléctricas

Fáceis de manobrar
Elétricas
Robustas

-15%

Experimente a sua cadeira antes de a comprar: o nosso especialista de mobilidade explicará todo o funcionamento.



Soluções de banho

Banheira alta com porta
Com assento incorporado

Com porta para facilitar o acesso

-15%



INSTALAÇÃO NUM DIA*





50 anos do monumento aos paraquedistas